

**Livro Infantil**

**As aventuras de dois Gatinhos  
Acordando para a Vida.**

**Luiz Carlos Marques Cardoso**



Mês de junho no sertão, inverno nesta parte excêntrica do globo. Quando aqui estamos em tal estação, não temos chuvas, apenas frio e bastante vento. Cada lugar com suas esquisitices e peculiaridades.

Era noite, início de noite, o vento assoviava pelas frestas das janelas, sacolejava com força as copas das árvores, levantava bastante poeira das ruas sem pavimentação, gritava feito espectro pelos telhados das residências. O ar em movimento trazia o frio que cortava a pele dos desagasalhados. Pelas avenidas e ruas imperava o silêncio dos seres humanos, todos entocados em suas confortáveis moradias.

Mas as noites são deles, dos felinos, dos bichanos, dos gatos. É o momento ideal para saírem por aí a realizar suas atividades, suas maluquices, sua traquinagens. Muitos agem na calada da noite para surrupiar alimentos nas casas dos humanos. É ocasião para namorar, para brigar, para comer e para si divertir.

Foi nesta singular noite que a escuridão se caleou para os lindos olhos de dois gatinhos. Instante que trouxe à vida o que até o segundo anterior não existia. Uma noite gelada que encheu de felicidade quente o coração da gata mãe.

A gata, que vinha no desenrolar dos últimos meses gestando em seu útero suas primeiras crias, sentia que o momento do parto estava preste a acontecer. Precisava urgentemente encontrar um canto que lhe servisse de ninho. Os gatinhos careciam da quentura de um tenro lugar para passar os primeiros dias de vida.

Foi em uma cesta velha de frutas cheia de retalhos de pano que a gata se acomodou em dores e aguardou ansiosa pela tão esperada hora. A cesta se encontrava em um quarto abandonado no quintal da residência da família que achava ser dona do animal. A paz tocava o recinto com doces e suaves notas melódicas. Deus protegia e abençoava o lugar.

Com o rangido do vento por sobre o telhado, com nuvens a encobrir as estrelas, tendo o céu virgem da luz lunar, nasceram dois lindos gatinhos. A mãe gata era só alegria, mesmo sentindo as terríveis dores do parto. Os filhinhos miavam baixo, soltavam ao ar sons que mostravam ser eles seres deste complicado e maravilhoso mundo. A mãe dormiu exausta, os filhos dormiram sem ter noção de nada, ignoravam até a própria existência.

Os raios solares começaram a clarear a noite que até então era densa, pássaros soltavam seus pueris cantos, a vida ia se transformando em movimento. O friozinho tomava todo o ambiente, o conforto de um aconchegante lugar agradava aos seres. Neste momento, a gata se despertou do sono profundo, acordava e vislumbrava seus dois filhos como um sonho que se tornara realidade. Pôde ver com a claridade do dia sua prole. Dois gatinhos, dois machos, lindos de encher os olhos.

Quais nomes ela daria aos filhos? Olhou, pensou, buscava na memória alguns nomes. Depois de certo tempo, sorriu e disse: “O de cores preto e branco se chamará Ró, já o de cores cinza e branco se chamará Tom”. Nasciam ali dois gatinhos que darão muito o que falar, muitas pessoas irão se lembrar por aí de Ró e Tom, muitos outros gatos ganharão esses singelos nomes frutos dos nossos dois bichanos em um futuro próximo.

## **Cinco dias depois**

Com cinco dias de nascidos, os dois gatinhos começaram a si aventurar pelo ambiente, deixavam o conforto do ninho para acalmar a grande curiosidade. Ao sair do quarto e deparar com as cores da natureza, com o vasto quintal, ficaram contentes, cheios de travessuras no coração. A mãe os vigiada sempre de perto, sabia ela o perigo que os pequenos passavam, pois por mais belo que seja este mundo, nele se escondem os maiores e perigoso perigos.

A gata os amamentava de tempo em tempo; sabia, contudo, da necessidade de os ensinar o mais rápido possível as maneiras de conseguir

o alimento. Na vida há trabalho para tudo, até para adquirir o sustento do corpo. Viver é difícil e complicado, ainda mais quando os seres são pequenos, indefesos e frágeis.

A mãe dos gatinhos acostumou a pedir aos seres humanos dono da casa o alimento de que necessitava para suprir as necessidades do corpo. Pela primeira vez ia apresentar seus fofos filhos aos seres bons que nunca deixaram que a fome lhe fosse um incômodo. Chegou à porta da cozinha, miou como de costume, a porta foi aberta, um sorriso da dona da casa. A mãe miou chamando os filhinhos para perto, ao chegarem próximos os dois gatinhos, o sorriso da senhora se transformou num gesto de fúria e raiva. A gata não entendeu a braveza da senhora, pois gatos não entendem o português, apenas viu nos seus traços que ela estava diferente.

- Dois filhotes! – gritou a senhora. – Para que tantos gatos? Meu marido irá me matar. Só tenho você para pegar os ratos que tanto infestam o quarto do quintal. Tenho que dá um jeito nesses dois gatinhos. Acabou com o meu dia. Só sou preocupação. Saíam todos daqui. – Bateu a porta com força. Os gatos saíram correndo de medo.

- Mãe quem é aquilo? – indagou Tom.

- Ela é a senhora que sempre me deu comida. Não sei por que ela nos tratou daquela maneira, ela nunca foi assim antes.

- O nome dela é senhora? – perguntou Ró tremendo.

- Senhora é o nome dela.

- A senhora parece uma fera. Fiquei com muito medo.

Os gatinhos logo se esqueceram e voltaram a brincar. A gata, muito preocupada, tentava entender os últimos acontecimentos.

- Por que a senhora foi grosseira comigo e com os meus filhinhos? – interrogou a si mesma a gata mãe. – Eu pensava que ela ficaria feliz ao ver meus dois gatinhos, no entanto agiu daquela forma bruta e ríspida. Será por quê?

A gata continuava deitada a um canto a matutar suas ideias; os gatinhos corriam de um lado a outro a brincar felizes da vida sobre o olhar vigilante da mãe.

## Correria e aflição

A tarde chegara e os dois gatinhos continuavam na suas alegrias de todas as horas, imaginando ser o mundo um simples paraíso. Um mundo de brincadeiras, de sorrisos, de uma mãe cuidadora, repleto de alegria e paz. Mas sabemos que o mundo dos vivos é uma constante luta por poder, por espaço e por coisas. A força no reino animal prevalece quase sempre sobre todos os outros atributos e sentidos.

- Senhora Malfada, então já teve sua cria?

Um gato de cor negra e olhos amarelos chegou sorrateiramente, encontrava-se sobre um muro cheio de grampos.

Será por que os grampos não ferem as patas dos felinos?

- Quem é? – disse toda assustada a gata mãe voltando a si depois de um leve e prazeroso sono.

- Estou novamente na área – afirmou o gato negro de olhos amarelos.

- Filhinhos! – gritou a mãe aflita.

Os dois gatinhos deram pausa de repente à brincadeira e pararam o olhar no animal sobre o muro. Quem seria aquele gato? Nunca o tinha visto antes.

- Filhos, para junto de sua mãe! – voltou a gritar a gata.

- São dois gatinhos muito bonitos – disse o gato com um sorriso falso no canto da boca.

- Fique longe deles! – berrou a gata aflita tendo os dois filhotes sobre seu cuidado. – Deixo-nos em paz. Vá embora.

- Você sabe o que acontece com filhos de gatas soltos por aí. Tenha muito cuidado, pois há muitos gatos safados por aí prontos a darem cabo de filhos de uma linda gatona. Se a senhora estivesse fértil, meu instinto seria difícil conter. Sabemos que nos próximos dias a natureza lhe dará nova chance de procriar, com certeza quererei ser eu o pai dos seus próximos filhos. É melhor esconder seus pequenos, porque senão a coisa será complicada para eles.

- Deixe-nos em paz! – gritou a gata. – Não toque um só dedo em meus filhos, senão...

- Hoje só vim aqui lhe trazer boas vindas. Contudo, estou e estive sempre os observando. No meu território gato nenhum entra, e quando chegar o momento, gata nenhuma colocará dificuldades contra os meus desejos. O recado está dado. Suma com seus dois filhinhos o mais rápido possível, senão serei obrigado a dá cabo deles. Pequenos, a brincadeira acabou – disse e sumiu.

- Quem é ele mãe? – perguntou Tom tremendo de medo.

- É um gato muito malvado. Se vocês o virem por aí, corram, ele poderá ser muito mal com vocês dois. Todo cuidado é pouco de agora em diante.

Ró fechava os olhos e choramingava medrosamente encostado o rosto no pelo do abdômen da gata mãe.

As horas do dia continuavam nos seus minutos passageiros, corridos rapidamente na balada dos sessenta segundos. O sol já começava a mostrar sinal de fraqueza, seus raios belos iam sendo sugados pelo horizonte oeste, o céu estava parecendo com um mar de fogo. Os dois gatinhos brincavam com uma pequena bola. Um salto, suto, bichos acuados.

- Vamos ver a força desses dois pirralhos – disse o gato negro de olhos amarelos. – Na minha área somente eu de gato, neste harém somente o gato negro de olhos amarelos e um bocado de gatas. Se vocês dois tivessem nascidos fêmeas, teria o maior prazer de tê-las no meu território, mas março, sou obrigado a matar os dois.

- Tom, eu estou com medo – falou Ró a choramingar.

- Acalme-se, seu medroso! Precisamos fazer algo.

O gato negro de olhos amarelos levantou a pata direita e fez as enormes unhas saltarem para fora, chegavam a faixear com o brilho dos poucos raios solares.

- Não irá doer nada – disse o gato negro de olhos amarelos. – Prometo ser breve. Vocês dois irão morrer. No meu harém somente eu reinarei. Não quero nenhum outro gato a dividir meu território.

Quando o gato negro de olhos amarelos avançou armado com suas afiadas unhas contra as duas presas indefesas, um vulto se colocou entre eles. Os dois gatinhos estavam de olhos fechados a esperar pelo pior.

- Já lhe falei para ficar longe dos meus filhos – afirmou revoltada a gata mãe ao mesmo tempo em que mostrava os afiados dentes.

- Você sabe que não pode comigo, Malfada. Sou gato, sou forte. Deixe-me acabar com esses dois pirralhos logo. Saia da minha frente!

- Um passo à frente e verá o que minhas afiadas unhas são capazes – ameaçou a gata.

O gato negro de olhos amarelos avançou o passo ignorando o comunicado. A pata da gata mãe subiu e em segundos lançou suas afiadas unhas no rosto do oponente. O gato ferido miou alto de dor.

- Sua infeliz, tirou sangue de mim!

- Nesta região nem gato tem força suficiente para enfrentar a mim. Desapareça, senão o estrago será ainda maior.

- Esses pirralhos escaparam mais uma vez, mas da próxima eles verão comigo. Um vacilo e eu acabo com eles dois. Sua gata intrometida.

O gato negro de olhos amarelos tendo sangue pelo rosto correu, trepou no tronco de um coqueiro, pulou no muro e disse antes de desaparecer pelo quintal do vizinho:

- Todo cuidado será pouco com esses pirralhos. Quero ver até quando você terá tempo para zelar deles? Estou pela área. Se não foi desta vez, poderá ser muito bem da próxima.

O gato desapareceu.

- Meus filhos, vocês precisam aprender a se defender, pois não encontrarão sua mãe por muito tempo para salvá-los. O gato negro de olhos amarelo voltará em breve. Fiquem sempre atentos. Alerta total. Brincar despreocupado nem pensar. Sempre de orelhas em pé. Qualquer barulho, corram e se escondam.

- Por que aquele gato quer nos matar, mãe? – indagou Ró tremendo.

- A vida no reino animal é desta forma: um querendo devorar o outro. É melhor vocês irem aprendendo logo. O mundo não é um paraíso como

muitos pensam, o mundo é um lugar hostil e perigoso. Cada dia precisamos lutar pela comida que acalmará nosso estômago; cada dia precisamos nos defender para poder vislumbrar mais um nascer e um pôr do magnânimo Sol. Um conselho da sua mãe: “Quando dormir, mantenha sempre um dos olhos abertos”.

## **O demônio tem duas pernas e dois braços**

O dia nascera claro e limpo. Pelo céu apenas o azul esbranquiçado de um dia qualquer do sertão. Não fazia frio, embora estivesse em plena estação. A vida dos gatinhos seguia cheia de alegria; passavam a maior parte do tempo brincando ao redor da gata mãe. A calma dos mansos dias tem prazo e hora para se acabar, sempre há reboição no ambiente de quem vive. As tempestades demoram de vir, entretanto, de tempo em tempo, elas aparecem para deixar suas profundas e pesadas marcas.

A senhora dona da casa saiu ao quintal acompanhado por um rapaz. Os dois conversavam alto, não era conversa amigável, era voz brava de pessoas nervosas com certa situação. Os gatos não entendiam o que os humanos falavam, mas sentiam na pele que daquilo não viria coisa boa.

- Pega esses dois filhotes de gato e os leve para bem longe - sentenciou a senhora ao rapaz. – Já basta a gata. Daqui a pouco meu quintal será o paraíso dos gatos. Só não mando você levar a gata também, porque minha filha é muito apegada a ela, senão levaria era tudo de uma vez só. Estou farta de gatos.

- Vou soltá-los do outro lado da cidade, cerca de seis quilômetros daqui – falou o rapaz, que segurava um saco na mão. – Nunca mais voltarão a importuná-la novamente.

A gata temendo o pior correu para o canto e chamou os filhos para perto. O rapaz encostou devagar, deu um chega pra lá na gata e em duas invertidas agarrou os dois filhotes e os lançou dentro do saco, fechando-o rapidamente a boca.

Os gatinhos gritavam de pavor pela mãe. Os humanos apenas ouviam miados, todavia a gata sofria com os gritos dos filhos.

- Calma, meus filhos! – gritava a gata mãe. – Eu irei salvá-los.



- Mãe, tire-nos daqui – gritava em prantos Ró. – Para onde ele irá nos levar? Socorro! Socorro!

- Mãe, salve-nos desse monstro – implorava Tom. – Não quero ficar longe da senhora. Tenho medo deste lugar sombrio.

O rapaz levando o saco nas mãos rompia, enquanto que os dois felinos, no puro desespero, tentavam em vão fugir da prisão. A gata correu para tentar fazer algo, desespero de mãe, recebeu a porta na cara. O rapaz e a senhora ganharam à porta da rua. Ele montou em uma motocicleta e sumiu. A mulher esperou até ver o veículo desaparecer na esquina. A gata mãe que já se encontrava sobre o telhado ouviu pela última vez a voz dos dois filhos a pedir socorro desesperadamente. Em choro profundo, ela deixou ficar com o olhar fixo no horizonte.

- Foi o melhor que aconteceu – disse o gato negro de olhos amarelos. – Eu seria obrigado a matar os dois. Você sabe que era questão de dias para eles perderem a vida. Não fique triste. Eles encontrarão um lugar bom para se viver.

- Você está aí? – indagou sem ânimo a gata mãe.

- Sempre estive à espreita. Vi todo o desenrolar da novela. Conte-se com a vida. Seus filhos irão ficar bem em outro ambiente, longe de minha fúria, distante do meu território.

- Os dois sozinhos neste mundo perigoso. Pobres filhos, irão padecer muito neste mundo cruel. Tomara que não morram. Ainda tão jovens e já tendo que passar por tudo isso. Nunca mais os verei. Por que a vida tem que ser desta forma, tão cruel.

- Tudo pode acontecer. Minha infância não foi nada fácil, tive que lutar por cada dia com muito entusiasmo e força. Minha mãe me largou logo nos primeiros dias de nascimento, passei fome, andava sempre me escondendo, pois vários gatos desejavam me matar. Com o tempo eu cresci e me vigiei daquele rebanho de gatos, coloquei todos para correr deste território, hoje sou o que sou. Quem sabe não aconteça o mesmo com eles dois. Conforme-se, pois logo mais será minha mulher.

- Não tenho nem forças para discutir com você, minha vida acabou, serei uma infeliz pelo resto da minha vida. Não quero mais filhos, não desejo nunca mais passar pelo que acabo de vivenciar.

- Você sabe que quem nos governa é o instinto, ele é quem nos guia. Quando chegar a hora, não adianta querer, o instinto a obrigará a ceder.

- Deixe-me só, preciso chorar as lágrimas que estão entaladas no meu peito. Foi como uma seta a ferir-me profundamente o coração. Estou em pedaços.

## **Uma nova e dura realidade**

Os dois gatinhos viajavam dentro do saco sacudindo de um lado ao outro. O motociclista acelerava a moto com uma mão; na outra, segurava o saco. Os gatinhos rodopiavam dentro do saco, estavam tontos, desorientados, implorando para que tudo passasse o mais rápido possível. Demorou cerca de cinco minutos, a moto parou, o sacolejo dos gatos, também. O rapaz desceu rapidamente, abriu a boca do saco e despejou os dois gatinhos, estes caíram um sobre o outro a rolar em meio à terra vermelha. Voltou a montar na motocicleta e sumiu. Os bichanos ao recobrar a lucidez dos olhos já tinham perdido o rapaz de vista.

- Tom, onde estamos? – indagou Ró temeroso. – Que lugar é este? Onde está nossa mãe? Estou com medo.

Estavam às margens de uma estrada de terra, tinham viajado por volta de seis quilômetros. Uma estrada silenciosa do sertão, poucos automóveis transitavam por ela. Dos dois lados o mato seco e retorcido tomavam conta do ambiente. Algumas folhas secas eram lançadas de um ponto ao outro ao sabor do vento quente que corria por estas bandas naquele singelo instante.

- Estou com muito medo, Tom – choramingava Ró. – Eu quero minha mãe.

- Teremos que ser fortes, meu irmão, padeceremos um bocado de agora em diante. Você terá que ser muito determinado, deve perder esse medo que o domina.

- Para onde nós iremos? Qual lado seguir?

- Vamos seguir em frente, em algum lugar chegaremos. Precisamos encontrar água e comida.

O ambiente calmo só era quebrado por cantos de alguns pássaros e o sopro fraco do vento. Ró gelava até a alma ao ouvir tais sons.

- Por que fizeram isso com a gente, Tom? Estou com saudade de nossa mãe.

- A culpa é da senhora, ela tinha bastante raiva de nós dois. Contudo, isso não importa mais, creio que nunca mais a veremos novamente. Vamos adiantar nosso passo. Carecemos encontrar um abrigo seguro, pois este lugar parece esconder muitos perigos.

- Perigos?

- Isso mesmo o que você ouviu: perigos.

Os dois pobres animais saíram medrosamente a andar pela terra inóspita que ia se abrindo aos seus olhos. O que iriam encontrar? O sertão é dotado de muitos seres, bichos perigosos, traiçoeiros. Sem falar que por aqui a água é escassa, a comida é difícil de ser encontrada. Dois felinos inexperientes e frágeis em um lugar assim. Viver no sertão é tarefa complicadíssima, sobreviver a cada segundo é obrigação de cada ser vivo.

## **Primeiro desafio**

Os dois gatinhos continuaram a andar. O sol ia subindo no firmamento e o calor sufocava o ambiente. Os pés dos andarilhos ardiavam de dor, queimavam ao tocarem no chão quente. O vento sumira por completo, uma paz aniquiladora comprimida de temor os corações dos dois animais.

- Tom, já não me aguento mais. Estou cansado, exausto, fraco. A sede aperta minha goela, estou vendo vertigem. Preciso tomar água. Nós vamos morrer, Tom.

- Aguarde mais um pouco. Precisamos encontrar água. Mas nesta secura toda onde achá-la? Vamos adiantar mais nossos passos.

- Como? Já não me aguento mais em pé. Acho que irei desmalhar.

- Você terá que ser forte, aguarde mais um pouco. Eu lhe garanto que iremos encontrar água.

Andaram um pouco mais, de tão sedentos que estavam vislumbraram no horizonte um rio de água; felizes a sorrir correram em direção, apenas areia, ilusão do bioma Caatinga.

- Onde está a água que vimos? – indagou Ró triste e preocupado. – Eu juro que vi neste local um rio cheio de água. Estou ficando louco.

Ró arriou o corpo na areia quente e ficou a choramingar, tendo os olhos para a terra. Estava disposto a entregar os pontos e amarrar seu cavalo

naquele maldito lugar. Como pode morrer ainda na flor da idade? Que mundo maldito é este? O que fazer em uma situação tão perversa assim? Mal conheceram a vida e já eram obrigados a se despedir. Morrer de sede, que coisa horrível. Aquilo ia devorando de dentro para fora, roubando-lhes as forças.

- Ró, você precisa ser forte. Vamos, levante e lute. Não podemos ficar neste lugar esperando a morte bater à nossa porta. Coragem para a vida. Vamos encontrar água. Confiança.

- Tom, siga seu destino. Não perca tempo mais comigo. Salve sua vida. Sou muito grato por tudo que vivemos juntos. Aqui entrego minha alma.

- Não diga uma coisa dessa, vamos sair vivos desta empreitada. Coragem.

Os dois gatinhos se abraçaram e em prantos buscavam forças para prosseguir. O destino parecia ingrato e assustador para os dois.

- Vamos, Ró, logo à frente haverá muita água. Eu sinto o cheiro dela. Ela está próxima. Vamos nos salvar. Apure seu faro, Ró, apure seu faro. Estou sentindo o cheiro de água. Nunca imaginei que tinha um faro tão apurado assim.

- Não estou sentindo cheiro de nada – disse Ró meio sem graça.

- Vamos, está logo ali naquela entrada. Acredite em mim, não estou mentindo. Sei que lá teremos água para matarmos a nossa sede.

Os dois gatos se levantaram e em passos lentos romperam para o lugar determinado pelo apurado faro de Tom.

- Olhe lá, Ró! Não lhe falei que sentia o cheiro forte de água. Venha saciar sua sede.

Um cano da tubulação do sistema de abastecimento de água tinha um pequeno vazamento, a água borbulhava constante formando um pequeno poço. Pelo chão havia muitas marcas de pegadas de outros animais que ali estiveram a matar a sede.

Ró tomou a água como se estivesse sorvendo a vida para dentro de si, aquilo tirava um enorme peso das costas, aliviava aquela intensa dor que o mutilava. Tom também encheu a pança do fresco líquido. Como estava bastante quente, até um banho tomaram no refrescante água. Procuraram

uma ordinária sombra e descansaram da fadiga do dia dormindo profundamente.

## Comida ou um novo amigo?

Os dois gatinhos foram despertados por um lindo e suave canto. Ao abrirem os olhos, depararam-se com um singelo e meigo passarinho. Ainda sonolentos, sorriram ao escutar aquela gostosa melodia.

- Quem são vocês? - indagou o passarinho.

- Quem somos nós, Tom? – inquiriu maquinalmente Ró ao irmão.

- Somos dois gatos – respondeu Tom.

- Mas isso eu já sei, pois conheço muito bem o que são os gatos – disse o passarinho.

- Eu me chamo Ró, e ele se chama Tom. Tom, minha barriga está roncando. Acho que estou com fome.

- A minha também está. Precisamos encontrar algo para comer.

Os olhos dos dois gatinhos se transformaram, deram-se conta do ser que estava em sua frente.

- Que pedaço de carne suculento é você, passarinho – disse Ró.

- Ró, fui eu quem vi o passarinho primeiro. Ele será meu almoço.

- Calem a boca vocês dois! – gritou o passarinho irritado. – Onde já se viu uma coisa dessa: dois pentelhos querer capturar um arisco cardeal. Nem gato experientes conseguiram...

O cardeal pousou próximo à água e ficou parado meditando alguns pensamentos. Maquinava algo na mente. Tom aproveitando a oportunidade saltou para capturar o passarinho, este já esperando pelo golpe voou e viu o gato rolar em meio à lama. Ró caiu na risada, Tom inconformado e humilhado sacudia o pelo.

- Eu gostei muito de vocês dois – disse o cardeal. – Eu vou ajudá-los a encontrar comida. Mas quero que vocês dois me prometam que não irão me atacar mais. – Os dois gatos sem terem outra alternativa balançaram a cabeça afirmativamente. – Vou voar e ver as redondezas, depois volto para chamá-los. Aguardem-me.

O “cabeça vermelha” voou e saiu a distribuir sua cantoria. Os dois gatinhos retornaram para sombra e ficaram a esperar, quietos e famintos. Fazer o quê, em um lugar inóspito como aquele somente um passarinho para economizar energia. Ele do alto ver tudo. Se antes não tínhamos nada, agora, pelo menos, temos um amigo voador.

Passados quarentas minutos, os gatos que já estavam quase dormindo foram assustados pelo canto alto e forte do Cardeal.

- Acordem-se! Tenho boas notícias. Encontrei em uma casa logo à direita onde vocês poderão arranjar comida, e da boa. Vou voar e vocês seguem meu canto, passem por este carreiro. Bebam mais um pouco de água, pois o percurso é um pouco longo.

- Queremos lhe agradecer por nos está ajudando – disse Ró timidamente.

- Algo me disse no íntimo para ajudá-los, por isso ajudo. Gostei de vocês. Agora vamos.

O pássaro saiu a voar, e os dois gatinhos seguiram-no pelo carreiro. Andaram bastante, muito para eles que eram pequenos e frágeis, para outros animais já adultos seria um percurso pequeno, para o cardeal apenas duas batidas de asas.

- Estou cansado – alertou Ró em certo ponto do trajeto. – Vamos parar e descansar um pouco.

O cardeal que havia pousado perto afirmou:

- Deixe de frescura. Vão se acostumando com as dificuldades. A vida de vocês não será nada fácil. Vão ter que batalhar bastante para vencer cada dia. O mundo é um lugar de competição: é um querendo devorar o outro. Já está perto. Vamos, é logo ali.

Continuaram a caminhar, um pouco mais lento, contudo avançavam. Não demorou, coisa de cinco minutos, o pássaro pousou e pediu para que os gatos ficassem quietos e o escutassem.

- Está vendo aquela vasilha? – indagou o cardeal. – Ela está abarrotada de carne.

- Daqui dá para ver – falou Tom malicioso. – Sinto até o cheiro.

- Mas embaixo da árvore, na sombra, observe bem. Lá está o cão dono de toda aquela comida. Você, Tom, que é mais esperto, terá que ir lá e surrupiar um pouco da carne.

- Tá doido! Ele irá me matar.

- O cão está amarrado. Só chega a corrente até a vasilha de comida. Você precisa ir lá quieto, sem que ele o veja para apanhar o alimento. Se eu tivesse força o suficiente, eu mesmo iria até lá e traria a carne para vocês, porém não aguento tamanho peso.

- Por que você quer nos ajudar? – inquiriu Tom desconfiado. – Você não está armando para cima da gente não, está?

- Claro que não. Eu gostei muito de vocês dois, é por isso que os estou ajudando.

Tom sentindo-se muito confiante saiu para a grande façanha, sua primeira aventura de peso. Procurou o capim seco e avançou, sempre de olho no cão, este parecia dormir profundamente. Quando estava próximo ao vasilhame, o cão deixou levemente subir a pálpebra do olho direito e em segundos avançou sobre o gato.

Tom paralisado e sem ação esperou pelo pior. O cardeal gritou para ele correr, mas suas pernas estavam grudadas no chão, tremia de medo, via nos olhos a morte iminente. Para sorte do pequeno gato a corrente chegou ao seu final, travando o cão, impossibilitando de agir. Tom então correu para junto dos colegas, enquanto o cão retornou à sombra da árvore e voltou a dormir.

- Foi por pouco – disse Tom. – Ele quase me pegou. Olhe como estou tremendo. Vi a morte nos olhos. O bicho parece o demônio. Preciso descansar um pouco, meu coração bate acelerado. Até a fome passou, foi embora. Que cena terrível. A morte se apresentou aos meus olhos com as suas ferozes presas. Foi por pouco, por muito pouco, coisa de dois passos.

- Pensou que seria fácil? – perguntou o cardeal. – Se você se acha esperto, o oponente também tem suas virtudes. Vamos tentar novamente. Aquele cão finge dormir, no entanto ele está sempre acordado. Vamos armar uma para ele.

- Eu não irei voltar lá mais não – sentenciou Tom. – Agora é a vez de Ró.

- Desta vez irão os dois. O cão é valente, porém muito besta, um idiota. Vou explicar a vocês dois como será o nosso plano. Ró irá pelo outro lado e chamará a atenção do cachorro, quando ele chegar perto, você fica parado e deixa que ele lata a vontade. Enquanto isso, Tom vem por este lado e apanha toda a carne.

- Eu terei que fazer tudo isso que você disse? - interrogou Ró temeroso e surpreso.

- Isso é um covarde, não irá conseguir – asseverou Tom. – Está todo borrado. Medroso. Sempre foi e sempre será um medroso.

- Eu não sou medroso, não! – gritou Ró irritado. – Eu irei provar a vocês que eu não sou medroso. Pois eu vou lá enfrentar aquele maldito cão. Prepare-se para pegar a carne.

- Acompanhe-me – disse o cardeal. – Vou colocá-lo em um local seguro.

Os dois saíram e deixaram Tom sozinho a esperar. Tom era metido a valentão, mas no fundo no fundo carregava no peito um cadinho de medo. Quem nesta vida não tem medo do desconhecido? Ainda mais quando se fala em enfrentar um cachorro valentão e raivoso.

Ró se aproximou, o cardeal apontou que ele devia se posicionar logo à frente. O cão havia levantado uma das pálpebras e aguardava sorrateiramente. Mais um passo e o cachorro avançou sobre a indefesa presa. O gatinho fechou os olhos e aguardou o fim. O cão a mostrar suas enormes presas parou a dois passos do felino e embravecido latia feito um louco. O gato ao perceber que estava protegido abriu os olhos e começou a passear frente aos malignos olhos do cão. Aquela petulância do felino feria o coração amargo do cachorro, este perdeu a razão, louco latia muito na tentativa inútil de quebrar as correntes e estraçalhar o pobre gato.

Enquanto isso Tom arrastava os pedaços de carne para uma distância segura. Lambia os lábios ao sentir o sabor gostoso dos suculentos bifês. Eram três pedaços grandes. Após ter terminado o serviço, ele miou avisando aos companheiros. O cão então percebeu a armadilha que havia caído, fora tapeado por dois filhotes de gato. Um cão valente enganado daquela maneira. Louco da vida correu em direção de Tom, esquecendo-se da correte que o segurava pelo pescoço. Tamanha a força empregada na corrida, tamanho o breque da corrente, quase lhe quebrou o pescoço.



Alucinado, latia aos quatro cantos, não pela carne roubada, mas por ter sido enganado por dois insignificantes felinos.

O cardeal sorridente assentou em uma galha. Os dois gatinhos ficaram com olhos esbugalhados a observar o cão em fúria. Como pudemos fazer algo tão genial? - pensavam os dois. A vida parece ser algo gostoso de viver, viver perigosamente, vencer o invencível. Quanta experiência conquistada nas poucas horas de vida. Agradeciam a ajuda primordial do passarinho de cabeça vermelha.

- Ró, você não é medroso, não. – elogiou Tom. – Um irmão muito corajoso.

- Mostrou mais coragem que você – falou o Cardeal.

- Pois é. De onde menos se espera é que vêm as doces surpresas.

- Vocês roubaram toda a minha comida – disse o cão. – O que será de mim agora? A senhora dona desta propriedade viajou e deixou comida para durar uma semana. O que será de mim amarrado e sem comida? Vou morrer.

O cão começou a falar e chorava feito uma criança que perdera o bombom para o coleguinha.

- Vou morrer de fome – continuou a lastimar o cão. – Vou morrer por causa de vocês dois.

O choro aumentava. Tom sentindo tocado no coração resolve fazer uma caridade, repartir o pão (carne) com o pobre cão.

- Há aqui comigo três pedaços de carne. Também estamos com fome. Conquistamos o alimento com muito trabalho, poderíamos ter perdido a vida. Mas como somos bons, iremos deixar um pedaço com você.

- Você está louco! – gritou o cardeal. – Não confie nesse cão, ele é traiçoeiro.

- Ele é um cão dócil, amigo. Não irá fazer mal com nenhum de nós. Não é mesmo, cão?

- Sim, sou um cão dócil, serei sempre gratos a vocês. Prometo me comportar.

- Afaste um pouco para eu levar o pedaço de carne até você.

O cão se afastou tendo um sorriso faceiro no canto da boca. O gado com a boca arrastou a carne.

- Tom só pode está louco – disse o cardeal. – O cão vai esmagá-lo vivo.

A certa distância o cão avançou sobre o gato indefeso, pulou sobre o felino com as duas enormes patas.

- Peguei! – gritou o cão feliz. – Você agora será minha comida.

O gato já esperando o golpe foi mais rápido e em um jogo magistral de corpo saiu para o lado, saltou por sobre o cão e fugiu para junto dos amigos. A carne ficou a três centímetro do alcance do cão.

- Você é corajoso e esperto em mano - falou Ró em pura alegria.

- Gostei. Como foi bonito ver a cara de bolacha desse cão fedorento – disse o cardeal.

- Sabia que ele iria aproveitar da situação – começou a falar Tom frente a frente com o cachorro. – Um cão maldoso merece é passar fome.

- Desculpe-me pelo atrevimento – choramingava o cão compulsivamente. – Sou um cão atrapalhado, não sei me comportar, sempre meto os pés pelas mãos.

- Chame ele de Totó – uma pulga que pulara do cão ao gato falou-lhe ao pé da olheira. – Chame-o de Totó. Chame só para ver o resultado.

- Quer dizer que Totó está arrependido.

- Totó? Quem lhe disse meu apelido de infância? Somente minha mãe me chamava desta forma, minha santa mãezinha. Meus colegas de infância faltavam me matar de tanta pirraça. Agora, após esta maldita derrota, vem você me chamar de Totó. Minha vida acabou.

- Calma, Totó, não fique assim.

- Continua a mim chamar de Totó. Estou perdido para o resto da minha existência. Daqui a pouco todos saberão que meu apelido é Totó. Minha reputação está arruinada. Sem falar que sequer comida tenho para passar os próximos dias até a chegada da senhora minha grata dona.

- Como é bom escutar toda esta novela que acaba de desenrolar em minha frente – disse o Urubu que estava quieto assentado em um galha sem ter

sido notado até então. – Esse cão sempre estou de olho nele, um cão gordo e muito suculento, porém insiste em não morrer. Mas parece que desta vez ele não terá escapatória, morrerá por falta do que comer. Já estou até sentindo o gostinho saboroso de sua carne, esse seu coração quando estiver fedendo será uma maravilha. Adoro os olhos, são suculentos. Só em pensar minha língua saliva. Já esperei muito tempo, esperarei mais alguns dias. A sua morte será o meu banquete e o combustível para o meu existir. Como é saber que será devorado por mim, um urubu, Totó?

- Até esse maldito fazendo chacota comigo. Estou perdido. Deixe eu me livrar dessas correntes e você verá do que eu sou capaz.

- Irá morrer acorrentado. Para que ser valente e passar a vida toda amarrado. Vou devorá-lo todinho. Estarei sempre a vigiá-lo. Será somente meu.

- Não deixe esse urubu me devorar. Por favor, salva-me. Não quero morrer.

O cão chorava, em lágrimas implorava pela difícil salvação.

- Temos três pedaços de carne – voltou a falar Tom. – Precisamos comer também. Não arriscamos nossa pele em vão. Como somos compassivos, deixaremos um dos pedaços para você.

- Obrigado. Obrigado. Muito obrigado.

- Não façam uma coisa dessas – murmurou o urubu triste. – Deixe esse maldito morrer. Não confiem nele, ele é traiçoeiro. Já mostrou na primeira vez. Escutem o que estou lhes falando.

- Ele tem razão – balbuciou o cardeal.

- Vou correr o risco. Tenho pena dele. Não quero ser culpado pela morte desse indefeso cão.

- Indefeso? – indagou furioso o urubu. – É por que vocês nunca o viram antes, perverso igual ao diabo. Merece é a morte.

- Fique quieto, urubu! – gritou o cão feroz, logo voltou a mansidão. – Tragam-me o pedaço de carne, eu serei grato pelo resto da minha vida.

- Agora eu quero que você fique lá do outro lado. Não quero correr risco.

- Mas eu não irei fazer nada com você. Eu juro.

- Se não quiser, ficará sem nada. Se quiser, será nas minhas condições.

- Está certo.

O cão virou e foi devagar rompendo para o determinado lugar. O gato com a boca arrastou o pedaço de carne para o território do cão. O cachorro então voltou de vez para dá o bote no felino, este já esperando pulou sobre o tronco da árvore, percorreu uma galha e saltou para junto dos amigos.

- Eu sabia que ele iria me atacar, só fiz para exercitar meu corpo. Dois a zero para mim. Não quero ser julgado pela morte deste infeliz. Vamos comer nossa parte e partir, não aguento mais ver a cara deste cão.

Os gatinhos encheram a barriga, fartaram-se da deliciosa carne, mesmo assim ainda sobrou um pedaço.

- Urubu, este pedaço que aqui deixamos é para compensar a sua perda. Até mais ver. Mas antes preciso devolver a pulga ao antigo dono. Pulga, para o cão, agora.

- Eu não a quero mais. Ela revelou o meu segredo. Pode procurar outro corpo para si hospedar. Suma de minha vida para sempre, maldita.

- Então é assim... Pois agora eu é quem desejo ficar. Você nunca viu uma pulga revoltada antes. Prepare-se para coçar bastante, seu ingrato.

- Faça isso, pulga – disse o urubu sorridente. – Mostre a esse cão safado quem manda no galinheiro, ou no canil. Ele é grande, mas não sabe o poder que uma pequenina pulga tem. Faça ele coçar até a morte, depois a levo para outro cachorro bem mais bonito e elegante que esse bode velho. O que eu desejo dele é somente a suculenta e imunda carne.

A pulga voou e pousou no lombo do cão, de imediato começou a coceira, o pobre animal coçava tanto que chegava a chorar.

- Pare! Pare! Pare! Eu juro me comportar de agora em diante. Eu juro – lamentava o cão.

## **É preciso buscar novos rumos**

E os três voltaram para tomar água na poça do cano com vazamento. Estavam os dois gatinhos de panças cheias, alegres pelo êxito diante do perverso cachorro. A vida começava a se tornar realizadora e formidável para os dois. Saborear a vitória sempre dá aos vitoriosos mais vontade e

determinação para novas conquistas. De quando em quando eles paravam e rolavam no chão felizes, eram dois jovens gatos a curtir a terna fase.

- Parem, parem, parem – gritou o cardeal. – Olhe. Lá tem alguém. Parece concertar o vazamento. Lá se vai nossa água.

- Vai começar tudo de novo – queixou-se Ró.

- E você acha que acabará algum dia? – indagou o cardeal. – Cada dia de vida será comprada com muito suor, essa é a lei. Vamos esperar que ele parta para vermos o que aconteceu de fato.

- Eu vou lá ver do que se trata – avisou Tom.

- Você sabe lá do que aquele ser humano é capaz? Ele pode muito bem matá-lo com um simples golpe. Deixe-me que eu vou. Qualquer coisa eu voou e me escapo dele.

O cardeal voou e assentou próximo ao homem que trabalhava de roupão azul. O suor corria em jatos pelo rosto do trabalhador.

- Um cardeal! Então você vinha aqui tomar da fresca água. É uma pena que tive que fechar o vazamento. Você tem asas, pode muito bem procurar outro lugar para saciar a sede. Amanhã eu voltarei aqui com um alçapão, quem sabe você não caia nele e venha cantar para mim na gaiola.

O passarinho não entendia nada do que o humano falava, mas vendo o sorriso do homem, soltou seu belo canto. O homem mais feliz ficou, pois amava os passarinhos.

- Que canto bonito. Quero você para mim. Amanhã voltarei.

O passarinho voou. O homem logo terminou seu serviço e partiu montado em uma motocicleta. Ao ver o território livre, os gatos e o cardeal voltaram para verificar. Somente encontrou a terra remexida e úmida. A água havia desaparecido por completo.

- Vocês descansem na sombra da árvore, vou ver por aí nosso próximo destino. Breve retornarei.

Os dois gatinhos deitaram, um encostado no outro, e de repente dormiram profundamente.

- Olá. Acordem seus dorminhocos. Isso não é hora de dormir.

Os gatinhos abriram com dificuldade os olhos, sonolentos procuravam por alguém.

- Estou aqui. Bem em sua frente. Estou voando.

Os gatos limpavam os olhos com as patas para clarear a visão.

- Quem é você? – perguntou Ró sonolento.

- Eu sou a linda e exuberante libélula. Olhe como eu rodopio no ar. Sou ou não sou muito especial? Quem são vocês? Nunca os vi por aqui antes.

- Eu sou Ró, e ele é Tom.

- São dois gatos. Vocês não irão me devorar, não, irão?

- Devorar? – interrogou Ró.

- Já vi um gato devorar uma amiga minha, foi uma cena horrível, muito triste, até hoje choro ao pensar naquele maldito momento.

A libélula então começou a choramingar. Chorava de dá dó.

- Veja, ela está chorando. Não chore, nós não iremos devorá-la – disse Ró todo sensível.

- Ultimamente eu tenho andado tão sentimental. Por qualquer coisa, a mínima que seja, eu me derreto em lágrimas. Minha vida não tem sido fácil. O que eu gosto de fazer para espantar tamanha tristeza é cantar. Dizem por aí que quem canta os males espantam.

- Você canta? – inquiriu surpreso Ró. – Você poderia cantar para nós ouvirmos.

- Claro. Só em falar em cantar já me transformo, viro outra libélula. Cantar para mim é o que mais gosto de fazer na vida.

Então o inseto voador começou a soltar sua bonita cantoria:

A natureza é bela,

Bela, bela, bela

Tão bela que me fez cinderela

Por isso eu sou feliz

Por isso distribuo amor

Por isso vivo a cantar.  
Se minha natureza me faz bela  
Se para muitos sou cinderela  
Como o mundo não amar?  
Sou sim cinderela  
Sou sim bela  
Sou sim uma libélula.

- Que coisa linda... Como é bonito ver você cantar. Não é, Tom?
- Não vejo graça nisso. Como eu posso me alegrar estando com sede e preocupado com a fome que logo mais virá nos aporrinhar novamente. Música não enche barriga de ninguém. Pura bobagem.
- Não ligue para meu irmão, ele é rude assim mesmo, porém um gato de bom coração.
- Tom, cantar ou ouvir alguém cantar para mim é algo extraordinário, para você talvez não seja nada. Não me chateio com o que os outros pensam de mim, faço apenas o que gosto de fazer. Sou mais viver feliz a passar meus dias carrancuda e pessimista. Quanto à fome e à sede, você precisa aprender a conviver com elas, pois sempre retornarão. Se você ficar nervoso e infeliz só em pensar no que comer e no que beber, sua vida será dessa forma pelo resto dos seus dias, apenas padecimentos e torturas.
- Não dê importância ao que meu irmão diz, ele é meio mal-humorado sempre.
- Você quer aprender a cantar, Ró? Posso lhe ensinar. Quer ver. Vou criar uma musiquinha para vocês dois, de improviso.

Eu vou contar a vocês  
Uma bela história  
De dois gatinhos lindos  
Que nasceram para glória.  
Desde cedo já padecem  
Por não ter uma mãe

Andam pelo mundo só  
Fugido dos temidos cães.  
Um é preto e branco  
Vive sempre a sorrir  
Doce e muito amável  
Alegre e feliz.  
O outro é cinza e branco  
Vive de cara amarrada  
Um ser primoroso  
Topa qualquer parada.  
São dois gatinhos  
Filhos da natureza  
Buscam a felicidade  
Com bastante destreza.

- Como vocês viram, fiz de improviso. Agora é a sua vez, Ró. Não fique acanhado. Você faça as rimas: paixão se liga a coração, latir se liga com grunhir, calor se liga com fervor...

E o sol que se abre enche meu coração de paixão

Sou um ser voador que quando voa se esquece da dor.

- Quando eu começo a cantar não consigo parar.
- Essa conversa de vocês dois está me dando um sono – resmungou Tom. – Estamos com sede. Você não sabe onde poderemos encontrar água?
- Vocês querem água? Sei onde encontrá-la. Em um chácara próxima daqui. Quer que eu os levem até lá.
- Não podemos sair daqui agora – avisou Ró. – Estamos esperando nosso amigo cardeal retornar.



- Aquele cardeal também fazendo amizade com todo o mundo. Ele é sempre assim, está aqui agora com vocês daqui a pouco encontra outro e esquece-se de vocês. Vamos. Ele nos encontrará. Ali é muito esperto.

- É melhor irmos, Ró, pois a sede está ficando insuportável. Vá que aquele cardeal nos esqueceu aqui. Já foi tempo longo demais, já deveria ter retornado.

Os gatos começaram a andar, a libélula sorridente voava um pouco à frente. É que surge o cardeal todo cansado.

- Vocês iriam partir sem a minha chegada?

- Você demorou demais – disse Tom.

- Realmente, demorei um bocado. Mas já estou de volta, isso é o que importa.

- Rimou! – gritou a libélula.

- Quem foi que conversou aí? – indagou o cardeal surpreso.

- É a nossa amiga libélula – adiantou-se Ró.

- Conheço-a. É a que vive a cantar.

- Ela vai nos levar a um local que tem água.

- Eu também vou levá-los. Demorei um pouco, pois tive que ir ver minha esposa no ninho. Não posso deixá-la a sós por muito tempo. Quando nascer meus filhos, terei que me ausentar por uns tempos. E eu acho que já está quase na hora deles darem a cara ao mundo.

Os quatro amigos seguiram devagar em busca da água para saciar a sede. Já era tarde e o sol já começava a ficar brando. O ventinho soprava manso por entre as galhas desfolhadas da vegetação.

## **A primeira derrota arde fundo no peito**

Os quatro chegaram a uma pequena chácara. Nela havia algumas árvores com copa verde e folhada. Em certo local, tinha uma residência e parecia ter humanos residindo nela. Tudo aquilo abria às retinas dos dois gatos como novidades a encher de contentamento os brilhantes olhos. Seria ali um paraíso perdido? Que lugar lindo, totalmente diferente de tudo que haviam visto até então.

- Naquele recipiente há água – apontou o cardeal.

Os dois gatos, por um ligeiro momento, esqueceram-se da sede. Ao serem avisados, correram para beber uma poção do líquido. Acabado com a sede, os dois desejavam agora era comida. Caminharam para perto da porta da residência e começaram a pedir comida. A dona da casa escutou alguns miados e saiu para ver do que se tratava. Ao presenciar os dois gatinhos ficou toda felicidade. Voltou ao interior da casa e ao retornar ao quintal trouxe alguns pedaços de carne. O alimento foi arremessado ao terreiro, a dona retornou para os seus afazeres. Os gatos estavam radiantes de alegria, correram para comer. Um barulho fez com que os dois breçassem seus desejos latentes.

- Parem! Esses pedaços de carne são meus! – gritou um enorme lagarto.

- A senhora deu para mim e meu irmão – disse Tom desafiador.

- Ela pode ter dado a vocês dois, contudo confisquei para mim – falou o lagarto.

- Eu não vou deixar você comer nossa carne – ameaçou Tom.

- O que um pirralho como você pode fazer contra um lagarto como eu. Tenho até dó. Você poderia até virá minha refeição se eu assim quisesse. Contudo, não gosto muito de carne de gato, muito pegajosa, dá dor de barriga.

- Tom, saia daí – aconselhou o cardeal. – O teiú é muito valente e forte. Aceite a derrota.

- Eu venci um cão, por que não vencerei esse lagarto teiú.

O teiú andou para abocanhar o primeiro pedaço de carne. O gato nervoso e revoltado se lançou ao ataque.

- Eu já lhe disse que essa carne é minha.

Tom saltou sobre o lagarto e cravou-se as unhas no couro duro das costas do réptil, este apenas deu uma sacudida e lançou o gato para o lado.

- Meu couro é duro feito a ferro, essas unhas me fazem cocegas. Se fosse um gato velho, também não seria páreo para mim. Não provoque quem está quieto. Deixe-me comer minha comida tranquilamente. Não quero acabar com um ser inútil como você. Um fracote.

O gato não querendo aceitar a derrota voltou a investir contra o rival. Novo ataque, novas unhas, nenhum efeito. Irritado saltou para o terceiro ataque, o teiú farto com tamanho disparate se armou com a calda, ao entrar no ponto certo o rabo correu em chibatada e acertou o gato em cheio no abdômen. O bichano voou e se esborrachou na terra vermelha.

- Se deseja apanhar mais, volte a me atacar, pirralho.

Tom sentia muitas dores, chorava demasiadamente. Era derrotado por um maldito lagarto. A derrota doía mais que a parte do corpo que recebera a rabada. Sentir o peso da derrota pela primeira vez, logo após ter se saído vitorioso contra o cão, um peso enorme para carregar nas costas. E ainda por cima, era obrigado a assistir ao lagarto comer toda a carne.

- Um gato anêmico como você, nem meus filhotes você conseguirá derrotar. Tente capturar um e faça dele sua refeição. Até eu quando a fome aperta muito sou obrigado a devorar alguns deles. Sou cruel. Um vacilo e eu engulo minhas presas. Adoro achar a porta do galinheiro aberta ou um buraco na tela para entrar. Quando dentro, faço a festa: como os pintinhos vivos e bebo os deliciosos ovos frescos. É melhor vocês procurarem outro local, aqui eu mando e desmando, irão morrer de fome se permanecerem.

Tom não tinha sarado das dores que o maltratavam. A dor física e a dor mental o deixavam louco.

- Vou enfrentá-lo novamente! – bradou Tom muito agitado e nervoso. – Ele me humilhou, feriu meu ego. Tenho que descontar, tenho que dá uma surra nesse lagarto nojento.

- Acalme-se, Tom – disse o cardeal. – Ele é bem mais forte que você. Não vale apenas esse espírito de valentia, de ego ferido. Você não tem força para ir contra o teiú. Devemos reconhecer nossas fraquezas para podermos vencer. Há batalhas que é melhor abandonar o campo de luta a perder a vida. Vamos seguir em frente.

- Como é amargo não poder fazer nada – resmungava Tom irritadíssimo. – Eu queria ter força suficiente para aniquilar aquela lagartixa gigante. Por que fui nascer gato e não um leopardo.

- Rimou! – gritou a libélula.

- Quieta! Já estou cheio desse negócio de música, de rima, de blábláblá.

- Eu só quis ajudar.

- Tom, ninguém é culpado por você ter apanhado do teiú – interrompeu Ró. – Agora, falar desta maneira com a nossa amiga libélula eu não aceito. Você respeite. E da próxima vez que for brigar, primeiro observe o oponente, se ele for bem mais forte que você, fuja.

- A noite já vem vindo – falou o cardeal. – Preciso ir embora. Minha esposa me espera no ninho. A noite não foi feita para pássaros como eu. Posso virar presa fácil na escuridão. Meus filhos estão prestes a nascer, quando nascerem, terei que me ausentar por alguns dias, terei que alimentá-los, e isso não é tarefa fácil.

- Também preciso ir – desta vez a libélula. – Tenho muito medo da noite, dos seres que se escondem nela. Procurem um local para se esconderem, amanhã cedo estarei de volta. Até mais ver.

A libélula e o cardeal sumiram em segundo. Os dois gatinhos voltaram a ficar a sós novamente. Mas desta vez seria no breu da noite densa, sem lua cheia e com muitas nuvens.

Os dois bichanos saíram pelas redondezas da casa à procura de um esconderijo, ambos tremiam; Ró de medo, enquanto Tom de Raiva. Em pouco tempo a escuridão tomou todo o ambiente, em um abraço gostoso e intenso. Sons até então abafados pelos raios solares eclodiram pelos quatro cantos. Os grilos e seu estridente canto, a coruja e seu piado de cemitério, a mãe da lua e seu chamado de agouro, os sapos e seu coaxar assustador, o cão que latia amarrado, era uma cena de terror aos dois gatinhos.

- Tom, eu estou com muito medo – tremia Ró encostado no irmão. – Que sons são esses? Não podemos ver nada. E a noite apenas começou. Não vejo a hora que retorne o amanhecer. Não vou conseguir dormir.

- Deixe de ser medroso. Fica quieto. Ainda não me refiz da derrota para a lagartixa gigante. Perder é dolorido demais. Tenho que crescer e ficar forte para não perder mais nenhuma batalha. Quando eu for forte, todos haverão de me respeitar. Fazem isso porque sou pequeno e fraco. Deixe eu crescer que eles verão. Preciso me vingar daquela lagartixa maldita dos infernos. Tenho que pensar em algo.

Nada diluía os pensamentos revoltantes de Tom, ele ruminava constantemente as mesmas ideias e não conseguia chegar a canto algum. Enquanto Ró perdia os cabelos por temer a noite; Tom perdia os cabelos por ter sido derrotado e humilhado pelo teiú. Os dois continuaram na mesma posição esperando o tempo passar, perambular dentro da noite parecia a eles suicídio.

## **A noite guarda surpresas**

- Tom, você escutou?

- Escutei o que, Ró? Não escutei nada. Só penso em uma maneira para derrotar a lagartixa gigante.

- Ainda está pensando nisso? Sons de passos aí fora. Estão pertos. Parece que está farejando algo. Será se é o teiú?

- Se for, desta vez eu darei cabo dele. É matar ou morrer.

De repente, dois enormes olhos claros apareceram pela entrada do esconderijo.

- Quem está aí? – uma voz ressoou. – Sei que há gatos aí dentro, sinto o cheiro. Meu faro nunca erra.

- Não nos machuque, teiú – choramingava Ró. – Não faça nada de ruim contra nós. Nós iremos embora deste lugar. Deixe o sol sair e daremos novos rumos para nossas vidas.

- Eu não sou o teiú – a voz voltou a ser ouvida. – Saiam daí e venham me ver.

- Quem é você? – perguntou Tom.

- Sou um gato igual a vocês.

- Um gato igual a nós? – surpreso indagou Ró. – Pensei que fosse o teiú. Agora me sinto aliviado.

- Saiam e vamos dá uma passeada pela noite. A noite também foi feita para os gatos. Vamos procurar algo para comer, estou faminto.

- Mas a noite é perigosa – refletiu Ró.

- Perigosa? Um pouco. O dia também é perigoso. Vamos, saiam. Não tenho todo o tempo do mundo.

Os dois gatinhos deixaram o esconderijo cabreiros e desconfiados. Ao sair, não puderam ver a fisionomia do gato, a escuridão era densa.

- Qual o seu nome? – inquiriu Tom.

- Vamos procurar um pouco de claridade para podemos conversar melhor. Embaixo daquele poste, a luz dele traz claridade, um ótimo local.

A coruja passou em rasante e soltou um forte e medonho piado, os gatinhos correram para o esconderijo.

- Deixem de ser medrosos. Isso só foi um piado de coruja. Ela não fará mal a nós não, está à procura de outros seres. Já vi que vocês precisam aprender muitas coisas de vida. A primeira é perder o medo. Vou ajudá-los, enquanto não perdem a vida. Vamos. Acompanhe-me.

Seguiram para a claridade da luz do poste, este iluminava a parte da frente da residência. Um cão ao sentir o cheiro dos gatos começou a latir amarrado debaixo de uma mangueira.

- Acalmem-se, ele está amarrado.

- E se ele se soltar das correntes? – perguntou Ró temeroso.

- Perna pra que te quero. Corram e suba em algo. Cachorro só é bom no chão. Ele não sobe em árvore, não sobe em telhado, um parasita. Nós gatos somos superiores a esta raça desprezível.

- Você é um gatão grande – disse com brilho nos olhos Ró.

- De fato todos pela redondeza me conhecem por gatão. Sou o rei dos gatos nesta região, todas as gatas caem de joelhos aos meus delicados e perfumados pés. Olhem meus lindos olhos, que pelos macios eu possuo. Sem falar na força avassalado que carrego em meus membros. Minhas unhas são afiadas feitas a mais afiada navalha.

- Queria ser como você – suspirou Ró.

- Estou com fome – disse Tom. – Onde poderemos encontrar comida?

- Boa pergunta. Mas primeiro gostaria de saber o nome de cada um de vocês. De onde vieram. Por que estão aqui. Se estão à procura de algo.

- Meu nome é Tom; e o do meu irmão, Ró.

Tom contou toda a história até aquele exato momento, não se esqueceu de nada, sempre tendo a ajuda do irmão Ró nos pormenores do enredo.

- Gostei dos dois, vou ajudá-los. Vou considerá-los como meus filhos. Preparem-se para grandes aventuras. Seremos astutos gatos. Vocês verão como a vida é maravilhosa. Viver é magnífico para quem sabe viver realmente. Do meu lado a felicidade está garantida. Vamos fazer nossa primeira estripulia, vamos roubar alimento na residência da senhora dona deste lugar.

- Roubar é certo? – inquiriu surpreso Ró.

- Quando não temos o que comer, temos que ir atrás de comida. Somos gatos, gatos sobrevivem do que acham. Se a senhora consegue guardar suas coisas em locais seguros, não poderemos apanhar o alimento, mas se ela vacilou, é nosso dever e obrigação pegar o que nos pertencem. Agora, se vocês não quiserem ir comigo, voltem para seus esconderijos e esperem que a fome os matem. Com fome não se brinca. Vamos. Já tenho um plano para que tudo saia da melhor forma possível. Iremos saborear frescos pedaços de carne. Só em pensar já dá água na boca. A minha última refeição foi ontem à noite, alguns pedaços de pão seco, que coisa horrível. Preciso comer algo que me dê sustância, que me fortaleça.

## **Invadindo território proibido**

Os três gatos saíram para desenvolver o plano elaborado pela mente do gato. Os três estavam com muita fome, o pensamento era único, ferrar o estômago. As coordenadas foram passadas aos dois gatinhos, o gato iria esperar do lado de fora da residência da senhora.

- Só passa gato pequeno pela abertura da porta. Meu corpo é grande demais para entrar. Vão e façam da forma que lhes ensinei. Tudo dará certo. Pensem apenas na deliciosa comida. Esta noite promete fortes emoções. Logo-logo vocês serão como eu: astutos, inteligentes, corajosos e fortes. Tudo da maneira que lhes expliquei.

Os gatinhos adentraram pela pequena abertura na porta, sobrou ao gato olhar pelo buraco e esperar pela comida, torcendo para que tudo desse certo. Tom e Ró teriam que subir em uma cadeira, saltar sobre a pia da

cozinha e com a boca arrastar os pedaços de carne e jogá-los ao chão para somente depois levá-los para o exterior da casa.

- Tom, como faremos para subir na pia? – perguntou Ró.

- Não tenho a mínima ideia, mas vamos tentar e iremos, com certeza, conseguir.

A cadeira possuía as pernas altas, os dois não tinham destrezas em subidas, todavia tudo na vida uma hora coloca seus participantes em calças curtas. Estavam ali e não poderiam fracassar de jeito algum. A comida se encontrava a poucos metros dos dois. Tom correu e grudou na perna da cadeira e tentava subir, subia alguns centímetros e logo retornava ao ponto de partida, a madeira era lisa e escorregadia. Como chegar ao topo? O gato estava impaciente do lado de fora, não poderia falar senão alguém poderia escutá-lo.

- E agora, Tom? Como chegar lá em cima?

Tom rodou o olhar em busca de uma alternativa. Estava ali a maneira de si redimir do fracasso frente ao teiú. Não nascera para derrota. Um pano chamou-lhe a atenção.

- Será por ali que chegarei ao alto.

Correu e saltou. Grudou com suas afiadas unhas no pano que pendia do alto da pia para baixo, estando fixado em um filtro de barro.

- Cuidado que você vai cair, Tom.

- Cair? Vou pegar o alimento e mostrar que sou forte, corajoso e inteligente.

Com muita dificuldade, ele, com suas garras, conseguia escalar o pano. Às vezes pensava que iria cair, mas a vontade de si superar falava mais alto e o fazia seguir.

- Vou conseguir! Vou conseguir!

O gato observava tudo e sorria contente por saber que seu plano seria executado com muita precisão.

Tom com muito esforço e bastante determinação conseguiu subir na pia, vencera seu primeiro obstáculo; contente, sentia-se revigorado, um vencedor, um herói.



- Agora é só arrastar aqueles dois pedaços de carne e deixá-los cair no chão.

Confiante e determinado, ignorou um copo de alumínio que estava à frente, o dito rolou e despencou a rolar pelo chão. O barulho quebrou o silêncio do instante. O gatão sentiu no peito o desastre, arrepiou todinho.

- Tomara que a senhora não tenha escutado o baque. Ela tem um sono pesado. Tome mais cuidado com os próximos passos, Tom.

Tom sentiu o coração acelerar loucamente, tremia. Suspirou fundo por três vezes e continuou. Quando ia levar a boca ao pedaço de carne, um estalo e a luz iluminou a cozinha.

- Quem são vocês? – uma voz se fez ouvir.

Os dois gatos com a intensa claridade não conseguia distinguir quem tinha balbuciado tal interrogação.

- Quem são vocês? – a voz voltou a ser ouvida. – O que vocês estão fazendo aqui.

Frente a frente com Tom estava uma linda e perfumada gata.

- Nós estávamos com fome – balbuciou timidamente Tom. – A fome é pesada demais. Somos dois gatinhos perdidos neste mundo doido.

- Roubar? Furtar? Isso não está correto. Se seu plano desse certo, eu é que pagaria o pato. Sobraria para mim. Seria eu mais uma a morar do lado de fora com todos esses perigos e dificuldades.

- Nós não somos maus – falou baixinho Ró. – Gatão foi quem nos disse que deveríamos pegar a carne para matarmos nossa fome.

- Gatão? Só poderia ser ele. Como não pensei nisso antes. Aquele gato sempre com suas artimanhas. Se eu boto minhas garras nele... Eu ainda acabo com aquele infeliz. E onde ele está?

- Lá fora – respondeu Ró.

- Ainda por cima não teve coragem de entrar. Pois bem, já sei o que eu irei fazer.

- Gata Maria, é a fome – falou gatão pela janelinha da porta. – Dê-nos algo para acalmar os vermes que gritam em nossas barrigas.

- Ontem mesmo lhe dei pão.

- Aquele pão seco quase me matou de tanta azia.
- O meu prato está cheio de ração e no outro recipiente tem leite. Os dois pequenos irão comer um pouco da minha comida e tomar um pouco de leite. Quanto a você, gatão, vou lhe dá mais pão seco. Isso é que você merece.
- Fico grato. Fazer o quê. Mas se não for pedir muito: molhe o pão no leite, por favor.
- Não deveria, mas vou fazer.
- Eu sei que você me ama.
- Convencido. Atrevido. Se começar com as suas, nem pão seco terá hoje.
- Não está mais aqui quem falou.

Os dois gatinhos se fartaram de comer ração e tomar leite. Nunca na vida tinham deliciados com comida tão saborosa, aquilo era uma primazia, algo fantástico. A gata levou até a abertura da porta um pedaço de pão molhado no leite, o gatão comeu sorrindo.

- Chegue mais perto para eu lhe dá um cheirinho no cangote – disse o gatão.
- Sei que você me ama. Que dia você irá sair comigo para um passeio? Da última vez que saímos, vivemos momentos fantásticos.
- Só posso sair quando a senhora não estiver em casa. Não quero perder meu conforto por nada deste mundo. A vida aí fora é muito dura, muito sofrida.
- Realmente, muito sofrida, porém muito intensa e bem mais vivida.
- Gatinhos, está na hora de vocês irem – alertou a gata Maria. – Já comeram e já beberam, é hora de procurar um local seguro para dormir.
- Como é bom viver neste lugar – falou Ró. – Aquela comida é tão gostosa. Aqui me sinto tão seguro.
- É, mas aqui só há lugar para um único gato. Sou eu. Vocês precisam ir, se a senhora os pega aqui a coisa ficará feia para mim.
- Vamos, pirralhos, vamos procurar um lugar seguro para descansarmos.
- Cuide bem deles, gatão. São gatinhos muito especiais.

- Seu pedido é uma ordem, amor. Chegue aqui para que eu possa dá uma beliscadinha em seus doces lábios.
- Respeite os gatinhos! Mantém a compostura. Vão. Até uma nova oportunidade.

## **Um belo amanhecer escondem-se aventuras**

Os três gatos procuraram um local seguro para dormir. Deitaram todos juntos e garraram no sono profundo. Se alguém os visse, certamente diria: “Olhe um ninho de gato”. Descansaram e sonharam, sonhos que logo se perderam para sempre. Quando os raios solares começavam a jogar luz no ambiente, o galo de imediato se colocou a cantar, passarinhos soltavam seus cantos matinais, a movimentação se iniciava. Tom e Ró abriram os olhos e felizes da vida por ver o dia começar se movimentaram para sair.

- Gatão, vamos, acorde, o dia já nasceu – alertou Ró sorridente.
- Como assim o dia já nasceu? – interrogou gatão meio confuso. – Ainda está de noite. Deixe-me dormir mais um pouco. Gato que é gato dorme até tarde.
- Nós vamos sair para ver as belezas do dia. Como eu estou feliz.
- Vamos, Ró, deixe de conversa fiada – resmungou Tom. – Daremos uma volta para vistoriar o ambiente. Desejo aventuras.

Os dois saíram da pequena toca, de imediato Ró sentiu a quentura dos raios solares e parou para curtir aquela tremenda delícia. Tom também parou e ficou a esperar pelo irmão. O dia estava magnifico, tanta ternura, tantos sons suaves de uma felicidade plena. Logo os dois gatos se dirigiram a um vasilhame com água e saciaram a pouca sede. Por todos os lados ouviam-se as falas de diversos bichos, uma algazarra estupenda.

- Tom, o que iremos fazer agora?
- Está vendo próxima àquela pedra? Uma lagartixa. Comida da boa. Vou capturar uma. Será fácil. Um gato experiente como eu pegarei uma bichinha daquela em um só salto.
- Será? Eu acho que eu não consigo.

- Vou mostrá-lo minhas habilidades. Espere e veja como sou rápido. Pobre lagartixa.

Tom saiu em correria e saltou sobre o réptil. Ao cair, o animal já tinha fugido a tempo. Nervoso e triste, ele recuou e esperou uma nova oportunidade. Poucos segundos e o lagarto se encontrava no mesmo local. Outra tentativa de Tom, o resultado foi o mesmo, decepção. Tentou para mais de dez vezes, todas com insucesso.

- Cansei. Estou exausto. Pensei que fosse fácil. Que lagartixa esperta.

- Foram doze tentativas e todas terminaram fracassadas.

Gatão ao ouvir todo o movimento resolveu sair para se inteirar do que se tratava. Viu Tom tentar pela última vez e retornar para o lado do irmão de cabeça baixa e triste.

- Que gato idiota! – gritou gatão. - Tudo errado, tudo errado. Não ver que o réptil está a tirar onda de você. Várias tentativas e o mesmo modo de ataque. Coloque essa sua cabeça para funcionar. A arte da caça não está apenas na força dos musculo, está bem mais na inteligência do cerebro.

- Por que sou tão fraco assim. Às vezes penso ser eu dotado de forças paranormais, mas quando vou agir vejo que não sou nada daquilo que havia pensado.

- Sem treinamento, sem técnica apurada, tudo não passa de mero sonho. Precisa treinar, exercitar-se. Nada cai do céu de mãos beijadas. Só se consegue algo com muito suor e determinação.

- Gostaria que você me ensinasse tais artimanhas.

- Antes de você querer capturar uma lagartixa, primeiro faremos um treinamento com algo menor. Está vendo aquele pequeno gafanhoto? Será ele seu primeiro oponente. Um insignificante gafanhoto, porém suculento e saboroso.

- Aquilo será fácil. Um simples gafanhoto. É como beber leite no cocho.

- Nunca subestime o adversário, essa é a primeira regra.

Tom carregando muito brilho nos olhos correu e saltou sobre o pequeno inseto. Ao cair, o gafanhoto já estava à frente. Voltou a correr e pulou, o

inseto saltou por sobre o gato. O brilho dos olhos se transformaram em decepção. O gatão sorrindo gritou:

- Volte. Venha cá. Preciso lhe dá alguns conselhos.

- Eu não careço de conselhos!

- Ainda por cima é arrogante. Não seja tolo. Com minhas observações, com meus ensinamentos, conseguirá avançar bem mais rápido. Segunda dica: ouça mais e fale menos. Meus ensinamentos farão com que você capture o gafanhoto com grande facilidade.

Tom voltou para perto do gatão todo triste e sem jeito.

- Preste atenção nos movimentos do gafanhoto. Use mais sua inteligência que sua força. Quanta energia desperdiçada. Primeiro a cabeça, segundo a cabeça, terceiro a cabeça, só quanto tiver certeza da vitória é que use a força. Agora volte lá e apanhe aquele insignificante gafanhoto. Você sempre faz o mesmo trajeto, os mesmos pulos. Invente, mude, crie para surpreender o oponente. Se de uma forma não surtiu efeito, mude.

- Tem razão. Sempre fiz do mesmo jeito. Como não pensei nisso antes? Tenho que usar mais a cabeça. Vou conseguir.

Tom voltou a saltar sobre o inseto da mesma forma que havia feito das outras vezes; gatão balançou a cabeça negativamente, desaprovando tudo. Mas Tom foi tão esperto que até mesmo gatão caiu na sua esperteza. Antes de tocar o chão com as patas, Tom já voltava em rodopio e em meio as garras trazia o gafanhoto.

- Muito bem, garoto! – gritou gatão feliz. – Até a mim você conseguiu enganar. Aprendeu rápido. Gostei. Agora devore sua presa.

- Solte-me, solte-me, seu monstro! – gritava o gafanhoto. – Solte-me. Deixe-me ir.

Tom olhou para o inseto e confuso abriu a pata e deixou que ele escapulisse.

- Por que fez isso? – indagou gatão. – Um saboroso petisco. Isso é porque você está de barriga cheia, se tivesse com fome não pensaria duas vezes em mastigar o pequeno inseto, falo assim porque sei do que estou a falar.

O gafanhoto saltou, um pássaro em rasante já o levou no bico.

- Solte-me, solte-me, seu monstro! – gritava o gafanhoto.

- Você não quis comer, o pássaro comeu. Neste mundo é assim, sempre a lei do mais forte.

- A comida pouco importa. Estou feliz pelo que aprendi. Não sabe o tamanho da felicidade que toma meu coração neste momento? A qualquer instante poderei capturar gafanhotos. Quero aprender mais, quero ser forte, quero vencer a lagartixa gigante.

- Ainda está invocado com o teiú? Esquece-se daquele infeliz, ele ainda será a sua perdição.

- Quem sabe minha glória?

- Eu já vi aquele maldito teiú engolir dois filhotes dele mesmo vivo. Escutei os dois pedindo socorro ainda vivos na enorme barriga do pai, e o infeliz nenhuma importância deu. Aquilo é o capeta, não tem coração. Mantenha-se longe dele, é muito perigoso.

- Quando eu me sentir preparado, vou derrotá-lo. Aquela derrota eu preciso apagar dos meus pensamentos, só assim terei paz. Vou treinar bastante e vou vencê-lo, ou eu não me chamo Tom.

- Então treine bastante, pois precisará de muita inteligência e força para vencer aquele infeliz. Vou voltar para minha cama, ainda está cedo para um gato ficar por aí sem ter o que fazer e comer. Cuidado, olhem sempre para onde andam, há muitos seres de olhos bem vivos em vocês, pois se para alguns vocês são ameaças, para outros vocês são alimentos. Na vida às vezes é caça e outra vezes é caçador, tudo se inverte. Bastante cuidado com seus passos, pois o perigo pode estar onde menos se espera.

## **Ave de rapina na área**

O gatão voltou ao seu local de descanso e dormiu. Os dois gatinhos saíram a perambular pelas redondezas a bisbilhotar as novidades do lugar. Quantas descobertas, tudo se misturando na mente curiosa dos dois. O espetáculo se abria cheio de emoções, repleto de situações que fazem o sal da existência se transformar na docilidade do mais cristalino açúcar.

Tom carregava em si a vontade de si superar, de si fortalecer, de si tornar um grande herói. O desejo dele era treinar, buscar aprimorar suas habilidades para ser o maior de todos os gatos que já existiram na face da

Terra. Estava feliz e vivia com o ensejo de um futuro duelo, luta essa que o consagraria para sempre como o mais corajoso e forte bichano.

Ró não se importava com poder, com força, com fama, só queria saber em vivenciar seu presente, sua suave infância sem se preocupar com o futuro do dia seguinte quanto mais com algo que se posiciona em um local distante do espaço e do tempo agora. Cada flor, cada pedrinha que encontrava pelo caminho se alegrava e feliz rolava pelo chão soltando miados de muito mimo, seguidos por pulinhos de encantamento.

- Ró, estou com fome – disse Tom. – Depois daquele exercício todo, a fome está a roer-me as tripas. Onde poderemos encontrar comida? Poderíamos voltar à cozinha da casa da gata Maria.

- Você está louco. Só de noite, e na companhia de gatão. Vamos procurar algo para nós comermos. Há de haver algo.

- Já sei! Vou capturar alguns gafanhotos.

- Mas eles sempre pedem clemências.

- Clemências quem está pedindo é o meu estômago. Olhe um ali. Será fácil.

Tom correu, saltou e agarrou no ar o inseto, este já veio desfalecido espetado em uma das unhas da pata da mão direita. Levou-o a boca e degustou tranquilamente.

- Que delícia... Nunca mais passarei fome nesta vida. Vou capturar mais.

Capturou outros dez, comeu alguns e ofereceu ao irmão outros; a princípio Ró recuou, no entanto sentindo a barriga roncar aceitou e tão logo estava a correr em busca de mais insetos.

Pararam, pois a fome já tinha estancado, descansaram por um momento. Em seguida, voltaram a investigar o ambiente. Tom deu para um lado, enquanto Ró se meteu para o lado oposto, porém não muito distante um do outro. A tranquilidade do lugar foi quebrada ao passar uma enorme sombra de algum pássaro que estava chegando. A bicharada se pôs a correr, a voar, a esconder-se. Um tumulto completo, um alvoroço louco, uma tremenda confusão. Os dois gatinhos não entendia tamanha loucura.

- Por que todos estão tão alvoroçados? – indagou Ró encabulado.

- Sei lá. Parecem que viram assombração.

Em poucos minutos, o ambiente estava em silêncio de cemitério, calmo, sereno, diferente de minutos atrás. Mas uma voz fez vibrar com força:

- Medrosos! Cheguei e só regressarei ao meu ninho após capturar alguns de vocês. Meus filhos têm fome. Vou permanecer aqui o tempo que for necessário. Algum de vocês terá que sair em alguma hora do seu esconderijo. Que saia logo e nos poupem de tamanha espera.

- De quem é essa voz? – perguntou Ró tremendo. – Que voz horrenda.

- Lá está o dono da voz que há pouco se fez ecoar.

- Que bicho feio é aquele?

- Nunca vi nada parecido em toda a minha vida.

O ser com seus enormes olhos vislumbrou os dois gatinhos, suas pupilas faiscaram de contentamento e alegria.

- Encontrei o que vim buscar. Dois gatinhos encherão a pança dos meus pequenos.

A enorme ave em voo lindo e suave foi de encontro as presas, pousando a cinco metros de distância.

- Pobre seres, inocentes, serão mortos por ignorar os perigos do sertão.

- Quem é você? – inquiriu Tom nervoso.

- Quem sou eu? Sou o mais temido dos ares do sertão, sou o rei, sou o mais poderoso de todos, sou: Car-ca-rá! Car-ca-rá! Caracaracaaaaa...

- Você é mesmo um bom ator – disse Tom irritado. – Car-ca-rá! Car-ca-rá! Deixa disso, bicho feio. Daqui a pouco irá cantar igual a libélula.

- Você fala assim porque não me conhece, não conhece a minha descomunal força, a minha fama no sertão.

- Quieta, cabeça quadrada! Eu não tenho medo de você. Um pássaro fedorento como tantos outros.

- Que petulância! Breve não terão mais voz para insultar-me, breve estarão na barriga dos meus pequenos. Insolentes, querem morrer agora, ou desejam ir vivos conhecer meus pequenos? Saibam de antemão: eles são cruéis com suas presas. Cruéis, muitos cruéis.



- Cabeça quadrada, mande-se daqui. Não somos esse rebanho de bestas que fogem de você. Vou lhe mostrar a verdadeira força de um gato.

- Você é louco? Um coitado como você deveria estar tremendo e fazendo xixi nas pernas. Mas vamos deixar de conversa e acabar com isso logo.

Gatão ao ouvir a conversa que vinha do lado de fora, levantou e saiu para ver do que se tratava. Ao deparar os dois gatinhos frente a frente com a mais perigosa ave de rapina que existe no sertão, gelou, via nos olhos a morte iminente dos amigos.

- Tom e Ró, fujam enquanto há tempo! Ele é muito perigoso.

O carcará então avançou de passos lentos e contados. Para sua surpresa viu Tom rolar pelo chão, saltar por sobre sua cabeça e agarrar em suas costas unhando com as pequenas, mas afiadas garras.

- Tome isto, cabeça quadrada!

Unhou e saltou para o lado sorrindo. O carcará enfurecido gritou:

- Vou acabar com você! Essas garrinhas suas apenas me fizeram cócegas. Mas as minhas poderosas garras poderão lhe tirar a vida em segundos. Com uma bicada minha, arranco-lhe o coração, tirando-lhe a vida. Acabou a brincadeira, vou matá-lo agora.

- Fugam, o carcará é perigoso! – gritou gatão.

Ró de tanto medo se encontrava petrificado, não conseguia se mexer, sentia o fim. Fechava os olhos na tentativa que tudo se resolvesse.

- Primeiro pegarei aquele medroso, que sequer consegue andar. Depois será a sua vez insolente.

Tom tomado de muita coragem e fé no que estava desenvolvendo voltou a correr e saltar. Caiu agarrado no pescoço da ave pelas costas, com os dentes arrancou um punhado de penas do pimpão da rapina. Saltou para trás e mostrava o trunfo de seu sucesso, as penas iam na boca.

- Sou pequeno, mas dotado de muita coragem. Quando grande for, serei o rei dos gatos, matarei todos os carcarás que aparecerem em minha frente, inclusive você.

- Insolente, você não viverá para tal dia. Vou matá-lo ainda hoje. Mas primeiro verá como sou mal, vou acabar com o seu irmão.

O carcará avançou para exterminar Ró. Gatão ao ver o fim do amigo venceu o medo e correu para defende-lo, porém o tempo era curto e a distância enorme. Quando tudo parecia cheirar a morte, é que surge a luz. Um enorme salto, um baque.

- Suma daqui, carcará. Seu dia foi só de insucessos, de fracassos. Mande-se daqui agora, senão serei obrigado a esmagá-lo com meus afiados cascos.

- Como pôde saltar daquela forma? – indagou surpreso o carcará.

- Nem eu mesmo sei dizer. Ao sentir o perigo saltei e tudo deu certo. Agora, desapareça.

O carcará virou para o lado oposto, correu e deixou suas asas abrirem e sumiu na imensidão do céu.

- Quem é você? – perguntou Tom ao novo amigo.

- Sou potrinho. Pensei que ele iria matá-lo. Você foi muito valente enfrentado aquele bicho perigoso. Mas não se deve pôr em risco a própria vida desta forma.

- Resolvi não ter mais medo. Viver com medo é morrer toda hora. Olhe só o estado do meu irmão Ró, ainda de olhos fechados, tremendo, todo urinado. Vou querer isso para mim nada. Se for para morrer, que se morra com coragem e lutando. Abra os olhos, Ró, o perigo já passou. Desse jeito aí é que seria presa fácil para qualquer bicho.

Gatão chegou correndo e contente pelo sucesso. Ofegante, agradeceu ao cavalo.

- Como você conseguiu saltar a cerca, sendo você ainda pequeno?

- Quando vi que a ave iria matar o gatinho, quando pensei por mim já tinha saltado. Acho que foi a coragem dele que me deu coragem também. Veja que ainda sou novo, tenho poucos meses de nascido, saltei a cerca e sequer posso imaginar como.

- Por um momento pensei que o carcará iria acabar com vocês dois – falou gatão. – Vi a morte de vocês nos meus olhos, corri, contudo a distância era longa. Graças ao pequeno cavalo tudo terminou da melhor forma para nosso lado. Sabemos que o carcará retornará em breve, ele não assumirá uma derrota assim, ainda mais sendo ele quem é.

- Como eu farei para retornar para o outro lado da cerca? – indagou o potrinho aflito.
- Fique aqui com a gente, poderemos precisar de você mais vezes – alertou Ró.
- Tenho que retornar, minha mãe se encontra do lado de lá. Pular a cerca não me parece a melhor ideia, sendo, que acredito, que não irei conseguir.
- Antes de você realizar o pulo, vamos treinar primeiro – aludiu Tom todo satisfeito. – Eu mesmo irei treinar até a exaustão para conseguir experiência e força para poder escapar das armadilhas do mundo.
- Treinar? – perguntou o potrinho meio aéreo.
- Você aprimore seu pulo, breve estará saltando qualquer coisa, inclusive essa cerca. Se você fez uma vez, fará quantas vezes quiser, basta perder o medo, ou seja, ganhar experiência e coragem.
- Você quer mesmo ser um gato forte, Tom? – perguntou gatão. – Vejo que dentro de si carrega uma chama que o faz procurar sua glória, algo que está borbulhando dentro do seu peito. Vou ajudá-lo nos seus treinamentos. Você conseguiu me cativar com sua bravura e sua coragem.
- Espero que meu irmão Ró também treine comigo, pois desejo que ele cresça e viva muitos anos. Com essa fraqueza e esse medo não irá muito longe.
- Realmente, necessito treinar, careço perder um pouco deste meu insolente medo. O mundo do medo é muito perverso com quem vive nele. Olhem para mim: ainda estou tremendo.

## **É hora de se exercitar**

Gatão se entusiasmou com a coragem de Tom e se colocou à disposição para os treinamentos. Iria fazer daquele pequeno gato o mais forte de todos os gatos da região. Tom estava radiante com a possibilidade de se aprimorar, queria ganhar força e habilidades para enfrentar de peito aberto os desafios e os perigos do mundo.

O potrinho também iniciou-se os treinamentos. Corria e saltava de um lado a outro. Desejava ganhar impulso e coragem para pular a cerca e retornar a seu lugar de morada. Em poucos minutos, estava cansado e ofegante.

Preocupado, bebeu um pouco de água e voltou a saltar. Primeiro saltou um pneu velho que estava em certo local, saltou um tronco, por último voo por sobre um pé de bougainville.

- Estou melhorando – disse o potrinho –, mas preciso melhorar ainda mais se eu quiser retornar à minha morada.

- Eu sei que você irá conseguir – incentivou Ró. – Você vai conseguir. Saltou esta planta com muita desenvoltura. Treine mais um pouco, não desista.

Enquanto isso Tom começava com as atividades. Primeiro gatão pediu a ele que corresse e rolasse no chão rodopiando. Depois pediu que ele corresse, pulasse em uma tábua e saltasse em uma caixa de água tampada. Tom realizava com muita rapidez, porém gatão o fazia realizar cinco a seis vezes seguida cada exercício.

- Eu vou tentar agora na cerca – afirmou potrinho nervoso. – Vou saltar e vencer. Se consegui da primeira vez, por que não irei nesta nova oportunidade.

O cavalo pegou distância, respirou forte, e sobre aplausos de Ró, correu para saltar e vencer seu obstáculo. No meio do caminho tropeçou e se atrapalhou, parou rente à cerca evitando uma colisão. Ró havia fechado os olhos temendo o pior. O fato deu mais força e coragem a potrinho. Estava confiante, desta vez conseguiria a vitória. Paciente, ainda foi ao cocho e tomou alguns goles de água, parou e contemplou absorto o obstáculo, sabia que não iria falhar, a vitória já estava sacramentada.

Tom seguia com seus desafios. Desta vez gatão pediu que ele subisse em uma árvore usando a força das garras. Foram várias tentativas e várias quedas até alcançar o intento. Quando lá em cima, viu-se obrigado a saltar. Saltou e ao cair rolou com muita desenvoltura no chão parando rente ao treinador.

- Consegui, gatão.

- Sim, consegui. Mas há de subir outras cinco vezes para criar o hábito, ganhar mais rapidez.

- Estou com sede. Vou tomar um pouco de água antes.

- Só beberá água após cumprir o treinamento. Isso aqui não é brincadeira. Se quer tanto tomar água, realize o que mandei o mais rápido possível. Continue.

O potrinho se posicionou; Ró, temeroso, estava quieto e atento. O cavalo correu em disparada e ao vencer o percurso se lançou em salto passando por um triz do arame da cerca. Ró, aliviado, batia palmas e gritava feliz. O potrinho radiante com a proeza era uma felicidade só. De tão feliz, embora cansado, voltou a tomar distância e voltou a saltar a cerca novamente retornando ao ponto de partida. O gato não estava acreditando no que via.

- Agora posso ir e vir quando desejar – salientou potrinho. – A qualquer momento me regressarei. Vou ficar por aqui mais um tempo ao lado de vocês. Lá do outro lado não há nenhum ser que eu possa ser amigo. Minha mãe teve que carregar um senhor sobre o dorso, é um sofrimento que já habituou a fazer, só retornará ao final da tarde. Se não fizer a árdua tarefa é pior, apanha com uma taca que arde feito pimenta e ainda por cima terá que cumprir a obrigação à força. Cedo ou tarde, chegará a minha vez de passar por tal amargura.

Tom continuava com seus treinamentos, gatão assistia a tudo paciente e com um sorriso faceiro nos lábios. O gatinho tinha um brilho diferente dos demais, era um ser iluminado pela criação, nascera com certos dons estranhos a outros bichanos. O gatinho era corajoso e aprendia tudo com muita facilidade e ligeireza.

- Esse será poderoso quando crescer – salientou gatão ao final dos treinamentos. – Pode ir tomar água, por hoje basta. Grande evolução para um único dia. Ró, agora é a sua vez.

Ao contrário de Tom, Ró faltava-lhe energia ao corpo, sobrava-lhe desânimo para gastar suas forças em atividades. Desejava mesmo era descansar, dormir curtindo o sol da manhã, brincar pelas redondezas do local. “Para que sofrer com exercícios – refletia Ró com empatia”. Mas gatão mandou, o pobre gato teria que realizar mesmo contra a sua própria vontade.

- Vamos, deixe de preguiça – gritou gatão.

E Ró começou timidamente a desenvolver tais atividades, sempre devagar, calculando cada movimento. Cada passa era tão desconfortável, uma

tortura ter que correr, saltar, rolar. Isso tudo trazia cansaço, fazia doer todas as partes do corpo, um verdadeiro pandemônio.

- Gatão, por hoje chega – reclamou Ró. – Já estou exausto, não aguento mais. Careço urgentemente de água para saciar esta sede que quer me devorar.

- Mesmo com todas as dificuldades, ainda assim avançou muito. Não tem a mesma determinação de Tom, mas cada qual com os seus objetivos. Vou levá-los agora para um outro tipo de atividade.

- Mas eu não já lhe disse que estou cansado – resmungou Ró.

- Esta atividade exigirá mais da concentração de cada um, não requererá nenhum esforço físico. Não pensem que é algo fácil de realizar; se fosse, sequer perderia tempo em ensiná-los. Acompanhem-me.

Gatão foi à frente, seguido pelos dois gatinhos e o potrinho. Que atividade seria essa? Os gatinhos estavam ansiosos em saber. Seguiram até chegar à margem de uma lagoa de água cristalina. Pelas redondezas cantos de diversos pássaros.

- Que lugar bonito! – balbuciou Ró atônito. – Seria aqui o paraíso?

- Preparem-se para a nova atividade. Ela exigirá de vocês dois muita concentração.

- Nós iremos nadar? – indagou Tom curioso.

- Por enquanto não, contudo em breve serão forçados ao nado. Como disse antes, esta atividade não vai usar a força física, e sim a mental. Preciso que façam silêncio. Permaneçam imóveis, qualquer movimento e o insucesso será certo. Observe bem em mim. Toda concentração.

Gatão se posicionou rente à água. Um movimento e suas afiadas garras entrariam pelo líquido em captura de alguma presa. Não demorou e a mão em tamanha rapidez agiu. Foi como um relâmpago. Nas afiadas garras tinha uma piabinha espetada. Levou o peixe à boca e mastigou com gosto.

- Uma delícia! Saborosa! Prestaram atenção em mim?

- Para falar a verdade, eu nem vi como você fez para capturar o peixe – respondeu Ró.

- Veja que não é das tarefas mais fáceis, todavia com a prática as coisas tenderão a se tornar mais agradáveis e prazerosas.

- Gostaria que você fizesse novamente, pois não prestei muita atenção – pediu Tom.

- Repito sim, com todo o prazer. Preste bastante atenção, pois depois serão vocês a tentar.

Gatão voltou a se posicionar. No entanto, Ró andou dois passos, suficiente para o instrutor parar a atividade e mostrar certo ponto importante.

- Os passos que você deu, Ró, por mais silenciosos que sejam, eu captei, os peixes também captaram. Olhe. Fugiram todos em debandada. A nossa conversa pouco influencia, mas os movimentos no chão passam para a água em forma de vibrações. Neste momento, o silêncio tem que ser total. O foco principal é na concentração. Vamos tentar novamente. Logo os peixinhos voltarão. Silêncio.

Dois minutos depois, outra piaba se encontrava presa nas garras do gato.

- Qual de vocês dois será o primeiro?

- Eu – gritou Tom – Vou mostrar como minha concentração é forte.

- Cuidado com a soberba. Tudo pensado é fácil, realizar as coisas é que é muito difícil para quem nunca praticou.

Tom se posicionou, estava ansioso pela oportunidade, seu coração batia acelerado. Achava ele está muito concentrado, que aquilo era a mais pura concentração. Os peixinhos encostaram e a mão desceu em velocidade, desceu de novo, mais uma vez, novamente, e outro, e mais outra.

- Que droga! Não consigo pegar um peixinho sequer.

- Por onde anda a sua concentração? Parecia um louco a ferir a água. Quanta energia gasta. Já tinha dito que o que vale é a concentração, e não a força física.

- Vá lá, Ró, tente você agora, estou muito agitado, bastante nervoso.

Ró se posicionou com a maior simplicidade, sequer imaginava que iria conseguir tal façanha. Se Tom, o grande sabidão, não tinha conseguido, com ele não seria diferente. Parou e ficou imóvel à espera de um momento propício. Tom já estava agitado com tamanha demora. A mão do gato

desceu em câmera lenta, devagar, afundou-se na água e trouxe uma piabinha grudada em uma das garras. Só aí veio em si, desfazendo-se da piaba ao levar um suto do movimento do animal que debatia com ânsia.

- Você conseguiu! – gritou gatão sorridente. – Concentração pura. Nem precisou de muita velocidade.

- Eu estava tão concentrado, que sequer notei o que estava fazendo. Foi tudo por intuição.

- Só eu que não consigo! – disse Tom embravecido. – Que droga.

- Acame-se – pediu gatão – O lago está aí para quantas tentativas forem necessárias. Cada um é melhor em certa área. Não desanime. Treine muito e logo estará adestrado.

- Deixe-me tentar mais uma vez.

- Por hoje chega.

- Não, vou continuar até capturar um peixe.

- Precisaré de muito tempo. Fique aí tentando. Uma hora conseguirá. Nós iremos em busca de comida e de um bom cochilo.

Gatão seguiu à frente, seguido por Ró e por potrinho. Tom, furioso, ficou à beira do lago na tentativa insana de capturar um peixe.

- Eu preciso capturar um peixinho. Preciso me concentrar.

Tom tentou para mais de cinquenta vezes, ficou nervoso, gritou, chegou a arrancar alguns pelos da cabeça. Quando o desânimo abateu-se, quando estava enfadado, quando a esperança já havia batido as asas, quase em sono profundo, maquinalmente, viu a pata descer à água e de lá trazer uma piabinha. Ao ver o peixe, o sono se desfez, a alegria voltou, feliz jogou a comida na boca e mastigou.

- E agora? Eu não sei como fiz isso. Será que conseguirei novamente.

Parou e ficou a esperar, quando sequer sentia o coração bater, percebeu o movimento leve do peixe, sorriu, tinha achado o ponto correto da concentração. Sorrindo deixou o local, sem da água retirar mais nenhum peixe. O que valia era o aprendizado, e não a captura do animal. Com certeza saia dali com mais força e agilidade para enfrentar os perigos e os desafios do mundo.



## Briga entre galos

A manhã transcorria ligeira, um dia até então muito agitado para os dois gatinhos. Tom retornava da lagoa e encontrava seus amigos descansando sob uma fresca sombra de uma frondosa árvore. Cansado, deitou e deixou suas pálpebras caírem em sono. Os raios solares iam se esquentando à medida que se aproximava do meio-dia. O silêncio tomava conta do local. Os seres procuravam o sossego e o descanso. Neste clima gostoso e calmo tudo parecia transcorrer em ritmo de paraíso, a luta pela sobrevivência tinha promulgado uma pequena paz, todos estavam a salvos.

Mas, de repente, a calmaria se moldou em tremenda confusão. O silêncio fora quebrado por um forte grito, seguido de bater de asas e pancadas. Foi como um despertador, todos os bichos sentiram o sangue correr rápido pelas veias, a curiosidade fez com que todos levantassem e fossem ver do que se tratava.

- O que será, Tom? – indagou Ró tremendo de medo.
- Não sei, mas vou lá ver do que se trata.
- É melhor ficar aqui e esperar.
- Deixe esse seu medo de lado. Minha curiosidade me mataria se lá eu não fosse bisbilhotar.

Tom aproximou-se do local. Vários seres já apreciavam o movimento. Gatão chegou em silêncio e se posicionou atrás de Tom.

- Que briga bonita – balbuciou Tom. – Algo fabuloso. Como eles são fortes. Quero ser valente como eles.

Dois galos duelavam no terreiro, enquanto várias galinhas contemplavam o acontecimento. De um lado, um galo vermelho com manchas pretas, barbela e crista enormes; do outro, um galo branco com manchas amareladas, barbela e crista grossas menores que as do oponente. A luta seguia em igualdade, cada um batendo e apanhando seguidamente, o sangue já começava a aparecer pelos rostos dos dois. A luta parecia que demoraria de ter um desfecho.

- Quem são eles? – perguntou Tom a si mesmo.
- Dois galos – respondeu gatão. – O galo velho e o jovem galo.

- Você está aí, gatão?

- Observe bem esta cena que nossos olhos sentem bastante prazer em assistir. O galo vermelho já faz um bom tempo que vem reinando neste terreiro, foi em uma luta assim que conseguiu seu reinado, na época eliminou um galo negro que reinava por aqui. O galo branco, que há pouco tempo era frango, já vinha mostrando sinais que iria lutar pelo harém, contudo sempre era obrigado a fugir ao ser brutalmente ferido pelo galo vermelho. Mas é que o tempo passa e ele fica forte, quer tomar o poder do galo vermelho, e se não for desta vez, da próxima, com certeza, vencerá. A tendência do galo branco é ganhar força, já a do galo vermelho é se enfraquecer com a idade.

- É verdade. Parece que o vermelho começa a se cansar.

O duelo seguia com pancadas dos dois lados. Pelo terreiro as galinhas cantavam alto ao presenciar tamanha luta. O barulho tomava conta do recinto. Sangue jorrava pelo rosto do galo vermelho, cansado, ainda assim lutava, pois morrer seria melhor que ser derrotado. Se vencido fosse, seria obrigado a se afastar da companhia das galinhas, viveria sozinho seu resto de dias, a maior desonra que um galo pode ter.

- O vermelho não irá resistir por muito tempo – disse gatão. – O galo branco será o novo rei do galinheiro.

A porta da casa se abriu, de dentro veio a senhora aos gritos. Ao ouvir tamanha algazarra no quintal, saiu para ver do que se tratava, deixou seus afazeres à deriva.

- Brigando novamente! – gritou a senhora. – Para mim, chega. Vou acabar com este barulho agora mesmo.

Andou até os briguentos e sem dificuldades agarrou o galo vermelho pelas asas, o coitado já estava fraco.

- Vai virá pirão, seu galo velho! No terreiro só pode ter um galo, dois vira esta bagunça toda. Hoje é domingo, vamos comê-lo no almoço.

Entrou à cozinha e retornou em seguida munida do galo, de uma faca e de um vasilhame. Os olhos dos animais estavam todos na cena. O que iria acontecer? O galo no desespero gritava e se debatia na tentativa inútil de escapular. A senhora colocou o pescoço da ave sobre uma pedra e passou a peixeira. O sangue que escorria era aparado pela vasilha.

- Por que a senhora fez aquilo, gatão? – perguntou Tom.
- Ela sempre faz isso. O galo vermelho não foi o primeiro e nem será o último.
- Que coisa nojenta.
- Daqui a pouco você terá uma nova opinião.

O galo branco passeava pelo terreiro imponente e alegre, as galinhas todas o cortejavam. Volta e meia ele deixava seu agudo canto se eclodir pelo ambiente. O galo vermelho já não existia mais, poucos minutos depois nem lembranças dele haveria entre o pequeno bando.

- Quero dizer-lhe uma coisa, Tom. Estou treinando você para que no futuro assuma meu posto. Não haverá luta entre nós, passarei meu trono no momento certo. Não desejo perder meu trono para algum gato do mundo, até porque teria que deixar este lugar, ou lutar até a morte. Você será forte o suficiente para expulsar qualquer intruso que queira entrar neste território. Ainda sou novo e tenho força para bater nos meus oponentes, no entanto sei que com o passar dos anos a coisa se inverterá. Não serei mais rei, todavia terei a proteção do novo rei, no caso você.
- Não vejo a hora de crescer e poder brigar. Vou bater nos gatos safados que se atreverem a aproximar de mim. Estou treinando para isso. Desejo duelos. Você irá me ajudar a ser o mais forte, não vai, gatão?
- Claro que sim. Já estou ajudando-o. Vamos ficar próximos à porta da cozinha da casa da senhora para que eu lhe mostre algo.

Os dois gatos encostaram no lugar predeterminado e se acomodaram no chão a esperar. Gatão pediu a Tom paciência e calma, pois iria demorar um pouco. Os minutos foram se passando, a sonolência veio aos olhos dos dois gatos, de repente estavam dormindo. Certo momento, um aroma delicioso impregnou o local, algo fantástico. Os dois gatos que estavam dormindo, em rapidez esbugalharam seus enormes olhos de fera faminta.

- Que cheiro é este, gatão?
- Que delícia de aroma. Que fome!

Neste instante, chega Ró gritando de alegria:

- Gatão, que cheiro é este? De onde vem?

- É o cheiro do galo derrotado na briga. A senhora o matou e agora faz um cozido do danado.
- Cheiro do galo? – indagou Tom surpreso. – Que galo que cheira bem.
- Quem sabe a senhora não tem compaixão de nós e nos lance alguns pedaços de carne, ou pelo menos os ossos.
- E se o teiú aparecer? – interrogou Tom.
- Aí lascou.

## Primeiro embate

Os gatos ficaram parados hipnotizados pelo agradável aroma. Estavam ansiosos por saborear a deliciosa carne do galo vermelho que outrora cantou pelo terreiro e que agora se transformou numa magnânima refeição. Parados se encontravam sem saber como agir, como conseguir um pouco daquela apetitosa comida. O cheiro era tão forte que fazia dos bichanos escravos do apetite avassalador que os dominava, a fome só crescia.

- Tom e Ró, vão para a porta da cozinha e comecem a miar, quem sabe a senhora não tem piedade de vocês e nos presenteie com alguns pedaços da deliciosa carne do galo vermelho.
- Bem pensado, gatão. Vamos, Ró, vamos miar cheio de manhas para que ela nos dê a carne que tanto cheira agradavelmente.
- Enquanto isso, eu fico aqui a vigiar seus passos. Se o teiú aparecer, eu dou um toque.

Os dois gatinhos foram à porta e começaram a miar, um miado piedoso que logo atingiu o coração da sensível senhora.

- Vocês dois novamente. Pensei que tinham ido embora, ou tivesse... deixe pra lá. Vou pegar dois pedacinhos da carne do frango para vocês matarem a fome. Estão tão magrinhos. Quem na sua insana malvadeza lançou essas duas criaturinhas no mundo privando-as da mãe gata. Este mundo é de uma crueldade insana. Esperem um pouco, já retorno.

Os olhos de Tom e Ró acompanharam os passos da senhora. Gatão chegou a lambe os lábios com a sua enorme língua.

A senhora retornou e trouxe na mão direita dois nacos de carne, carne cozida, carne do frango vermelho que reinou ainda há pouco no terreiro.

- Um pedaço para cada um.

Cada pedaço foi colocado frente a boca de cada um dos dois gatinhos. A senhora aguardou que eles comessem a pequena refeição. Tom e Ró ao sentir aquele cheiro esplendoroso não pensaram duas vezes em baixar a boca e mastigar o suculento alimento. Gatão viu tudo indignado, não iria sobrar nada para ele. Pela redondeza, vários olhos assistiam à delicada cena com água na boca.

- Depois do almoço, eu darei o resto que sobrarem nos pratos para vocês. Por enquanto chega. Morrer de fome vocês não irão neste pequeno espaço de tempo. Tenho que terminar o almoço, preciso ainda fazer uma limonada. Hoje teremos visitas. Até daqui a pouco.

A senhora entrou e fechou a porta. Os dois gatinhos retornaram para junto de gatão felizes, porém com muita fome ainda.

- Gatão, que carne gostosa daquele galo vermelho – disse Tom. – Nunca comi algo com tamanho sabor. Uma delícia. Suculenta carne, cheirosa, macia, vi o céu naquela pequena refeição.

- Não sobrou nada para mim? – interrogou gatão irritado. – Vocês são perversos.

- O alimento foi pouco demais, ainda estou com muita fome – afirmou Ró.

- Verdade – resmungou gatão. – Apenas dois pedacinhos de carne, só foi mesmo para assanhar ainda mais as lombrigas. Acredito que, após o almoço dela, as sombras da refeição serão jogados para vocês dois, contudo desta vez também estarei junto.

- A senhora irá dar mais carne para nós, gatão? – perguntou Ró contente.

- Pelos gestos dela, sim. Apenas só nos restam esperar.

A hora do almoço chegou. A casa da senhora se encheu de pessoas. Eram os filhos e netos que vieram da cidade. O vozerio no interior da residência se fazia intenso e às vezes em alta tonalidade. Do lado de fora, a bicharada vivia no delírio ao ser tocada pelo delicioso aroma. Os três gatos se encontravam deitados juntos, esperavam por mais comida. Já havia passado das três da tarde, quando os pratos começaram a ser recolhidos e

as sobras eram depositadas em um vasilhame. A porta se abriu de repente, os gatos em um salto já estavam à espera do esperado almoço.

- Aqui tem comida para todos – disse a senhora. – Não quero ver brigas. – Jogou um osso da coxa do galo para o lado. – Este pedaço é para o gato velho.

Gatão saltou e agarrou com ânsia o suculento osso que tinha muita carne na extremidade, saiu para o canto e foi saborear.

- Agora vou colocar para vocês dois – despejou o restante em um canto.

A comida tinha muitos tipos de alimentos: arroz, macarrão, pedaços de carne, pequenos ossos... Os dois gatinhos correram e começaram a comer, estavam famintos. Enquanto tudo isso acontecia, olhos assistiam o desenrolar com muito interesse. A senhora retornou para os afazeres da casa. Não demorou e a paz estava quebrada.

- Saiam! Deixem minha comida onde está!

Uma voz quebrou o silêncio acompanhada pelo barulho de passadas rápidas. Gatão ao ouvir gritou:

- Corram! O teiú está na área. – Apanhou seu osso e saltou para o canto.

Ró ao ver o grande mostro avançar saiu em correria. Já Tom sorriu satisfeito e aguardou os próximos acontecimentos. O teiú breiou sua velocidade a poucos passos do gatinho atrevido e corajoso.

- Saia da minha frente, pentelho. Não quero machucá-lo.

- Não irei sair. A comida é nossa.

- Agora é minha. É do mais forte.

- E quem lhe disse que você é o mais forte? Para pegar a comida, primeiro terá que passar por mim.

- Por você? Passar por você? Isso será fácil. Um pirralho, um gatinho de nada. Coitado. Farei de você um cadáver em poucos segundos.

- Isso é o que veremos, sua lagartixa gigante.

- Que petulância a sua em me chamar de lagartixa gigante. Não perdoarei essa afronta. Sou obrigado a exterminar você.

O lagarto partiu para cima do gato dando rabanadas com a enorme calda. O felino saltou e caiu sobre o dorso do oponente, deixou as unhas saírem e as cravaram no couro duro do réptil. O teiú se debatia na tentativa de fazer cair o bichano, este o agarrava com força.

- Não conseguirei feri-lo com minhas garras, elas ainda são fracas – balbuciou Tom. – Tenho que pensar em algo que me dê a vitória. Mas o que eu poderei fazer frente a este monstro?

- Vou acabar com você, seu gato infeliz! Saia de minhas costas.

O teiú então resolveu rolar na terra, o gato haveria de deixar suas costas. Tom ao pressenti a astuta manobra saltou no momento certo se agarrando no couro da barriga do lagarto, este já se encontrava de barriga para cima. As afiadas unhas passaram de leve pelo abdômen da fera. Naquele exato momento, descobrira o ponto fraco do monstro.

- Pare! Não faça isto! Sinto cocegas! – gritava o réptil em risadas.

O bichano continuava a deslizar suas unhas pelo abdômen do teiú se gabando em sorriso da façanha que acabara de descobrir. O lagarto estava imobilizado, ele não conseguia parar de sorrir, sorria tanto que a barriga chegava a doer, lágrimas escorriam pela face.

- Uma lagartixa grande que sente cocegas – ralhou Tom sarcasticamente.

Gatão de boca aberta esqueceu-se do osso, Ró da mesma forma observava tudo com curiosidade, os demais bichos pararam para ver o lagarto naquela situação de puro deboche. Tom, feliz da vida, continuava com seu ritual de tortura.

- Pare! Deixe-me ir. Já não suporto mais.

- Isso é para você me respeitar. Só mais um pouquinho.

O réptil de tanto sorrir urinou para delírio e algazarra da bicharada.

- Eu juro que eu os deixarei em paz.

- Certo. Só mais um pouquinho, pois estou gostando muito.

- Pare, por favor!

Tom saltou para o lado, rodopiou e se posicionou à distância considerável, qualquer malandragem do teiú, ele teria espaço para se safar. O réptil

revirou-se e de cabeça baixa saiu a andar vagarosamente, fraco, debilitado, e com dores abdominais fortes. Em certo ponto parou, voltou o rosto para o gato e sentenciou:

- Você me fez passar a minha maior humilhação. Isso não irá ficar assim. Ninguém faz algo comigo e vive para contar a história. Retiro-me, pois estou muito debilitado. Fica certo que estarei pronto ao ataque. Aconselho-o a manter-se vigilante o tempo todo, serei implacável na minha investida. Como posso perder para um insignificante filhote de gato? Logo eu: o rei dos teiús. Saboreia esta paz momentânea. Estou um pouco zozzo. Preciso descansar um pouco. Eu voltarei.

Enquanto o teiú seguia seu rumo lentamente, os olhos dos animais o seguiam juntos, ao sumir nas folhas das bananeiras, a gargalhada foi intensa.

- Tom, como você fez aquilo? – indagou gatão surpreso ao se aproximar.

- Nem eu mesmo sei. Só sei que fiz. Uma coisa é certa: em nenhum momento tive medo. Ele deu sorte que minhas garras são fracas, se fossem fortes, acabaria com a vida daquele infeliz. Deixe-me ver as suas garras, gatão.

O amigo ergueu a pata direita e fez sair suas enormes unhas, que brilhavam ao ser tocadas pela luz do sol.

- Se eu tivesse tais unhas, aquele infeliz já não existiria mais. Você com umas unhas assim e foge da luta.

- Falta-me coragem. Mas logo suas garras ficarão iguais as minhas.

- Logo. Logo quando? Preciso delas para ontem. Não ouviu a lagartixa gigante falar que armará emboscada para mim. Tenho que me precaver. Necessito encontrar uma maneira para derrotá-lo de uma vez por toda.

- O perigo agora estará por todos os lugares. Sequer dormir despreocupado poderá mais. Terá que repousar sobre o telhado.

- Mesmo assim não tenho medo dele. Só quero é terminar este confronto o mais rápido possível. Será a minha primeira vitória real, com ela meu caminho de rei e de campeão estará com as portas abertas. Vou comer um pouco, tudo isso me deu muita fome.



Ró já havia se adiantado e comia com muito bom gosto, um alimento perfeito. Gatão e Tom chegaram juntos e também degustavam os deliciosos pedaços do galo vermelho que já ia sumindo deste mundo por completo.

- Nunca imaginei em minha vida que um galo velho teria um sabor delicioso assim – balbuciou Tom aos amigos.

- Você quer ver gostoso é a carne do teiú – afirmou gatão.

- Carne de teiú? Você já comeu?

- Já comi. O filho da senhora uma vez capturou um teiú, acho que era o pai desse aí que você enfrentou. Com uma faca acabou com a vida do miserável, aquele ainda era pior que o atual. Mas quando levou ao fogo, pense num aroma gostoso. As vísceras dele foram jogadas no terreiro, como estava faminto, era jovem sem força para caçar, comi delas e me salvei de morrer de fome. As vísceras cruas não era muito boa, mas desce bem quando estamos com fome. O bom mesmo é a carne dele cozida. O resto que ficara nos pratos o filho da senhora me ofereceu, pude comer sossegado, pois ele permaneceu perto de mim. Acho que ele teve pena de mim. Deste dia em diante, sempre tive a ajuda dele.

- Esta conversa não poderia ter vindo em melhor hora. Preciso que você continue me treinando, pois a luta ainda não chegou ao final. O jogo está empatado em um a um. Vamos para o duelo decisivo.

## **Cada momento é ocasião para novos aprendizados**

No outro dia cedo, Tom e Ró levantaram cheios de energia. Tom estava muito alegre, radiante, a vida para ele era um campo a ser explorado e vencido. Já Ró só pensava em saciar a fome e repousar tranquilo. Enquanto isso, gatão dormia pesadamente, primeiras horas do dia eram as melhores para dormir e sonhar.

- Gatão, precisamos treinar. Vamos, acorde. O sol já saiu. Não poderemos perder tempo.

- Deixe-me dormir, Tom. Ainda é cedo para levantar. Agora que meu sono estava ficando bom. Deixe-me dormir mais um pouco.

- Precisamos treinar.

- Vá repetir os treinamentos de ontem. Repita até a exaustão. Agora me deixe dormir.

- Mas aqueles eu já realizei, são fáceis. Preciso de novos exercícios.

- Deixe de soberba, não seja idiota. Faça o que eu lhe disse. Confie nos mais velhos.

- Você está assim, porque está com preguiça.

- Você vai quebrar a cara. Vou levantar e ir com você. Vou passar ao exercício dois. Eu sei que você ainda não está preparado para o próximo passo, mas como é você quem está pedindo... Por que os alunos sempre duvidam dos seus instrutores?

- Aqueles exercícios de ontem são todos fáceis, faço todos tranquilamente.

- Sei não.

E os dois gatos saíram. Gatão ia à frente sonolento; Tom o acompanhava alegre.

- Neste local desenvolveremos nossa segunda atividade. Mas primeiro espere que esta sonolência que me toma vá embora. Está vendo essa parede? Pois bem, quero que você suba nela e chegue ao telhado da casa.

- Como?

- Está surdo? Vamos. É o seu segundo desafio. Não foi você quem ainda há pouco havia me dito que estava preparado.

- Quieta, gatão, nem você consegue tal proeza, agora você quer que eu faça o impossível.

- Impossível? Você é igual a São Tomé, só acredita vendo.

- Quem é São Tomé?

- Sei lá. Ouvi isso quando eu era pequeno. Só estou a repetir. Vá lá, tente subir. Deixe-me ver suas habilidades.

- Você está querendo pegar peça em mim. Suba primeiro, depois eu subirei. Se você conseguir, eu juro que só sossegarei quando também subir.

- O mal dos jovens é achar que sabem mais que os adultos. Eu já lhe disse que irei fazer de você um gato forte e habilidoso, contudo você dúvida

sempre das minhas palavras. Vou subir. Preste bastante atenção. É algo muito ligeiro.

Gatão correu, pulou na parede, saltou na janela, voltou a pular na parede e por fim se agarrou na madeira do telhado, ficou a balançar.

- Acredita agora, pirralho? Deixe-me terminar. – Deu um salto esquisito que o fez ficar sobre o telhado. – Agora só preciso retornar para o seu lado. – Saltou e ao tocar no chão rolou. – Agora é a sua vez.

- Eu não irei conseguir, não.

- Você precisa desenvolver mais as habilidades que lhe ensinei ontem. Furar etapas não lhe fará nada bem. Voltemos aos primeiros exercícios e verá que sua confiança não condiz com a sua realidade. Você acha que está preparado, no entanto é uma ilusão da sua mente. Para a habilidade melhorar, o treinamento tem que ser constante. Quanto mais se treina, mais apto a desenvolver a manobra estará. Corra e suba na árvore igual lhe ensinei ontem.

Tom correu cheio de confiança, um pouco menos de momento antes, ao tentar subir errou suas passadas e caiu. Tentou de novo, novo fracasso. Parecia que nada dava certo.

- Está vendo, foi como lhe disse. Não subestime seu oponente, sempre vigilante e atento. Sua animação, sua euforia, tirou seu foco, esqueceu-se dos ensinamentos do dia anterior. Cada passo necessita ficar grudado na cabeça para que seja realizado com muita desenvoltura, em um piscar de olhos.

- É duro aceitar, mas você está certo. De agora em diante, irei ouvir mais do que falar.

- Parece que começa a entender. Humildade sempre. Aqui você está praticando sem estresse, sem perigo, quando houver uma fera no seu encaço, tudo mudará, pois um segundo separará a vitória da morte. Lembre-se que tem um teiú à sua espreita.

- Preciso de tempo para aprimorar minhas habilidades. Meu corpo precisa se desenvolver para que eu possa ter força o suficiente para novas manobras.

- É bom ter pressa, embora muito agonizante. O tempo urge. Seus desafios são de agora. Para ser o que sonha ser, deve ignorar as adversidades do eu vencendo todos os obstáculos para a vitória de cada segundo. Não se vence uma vez, a vitória tem que ser constante e a todo instante. Vamos. Tente mais algumas vezes, tente até se sentir habilitado a enfrentar o segundo desafio que você já tem conhecimento. E pensar que há gatos que sobem no telhado apenas em uma correria só pelo muro.

- Apossou-me um pouco de desânimo neste momento, pois vejo meus sonhos se distanciarem de mim. Vejo-os cada vez mais distante e impossível de alcançar. No entanto, não devo parar, algo me impulsiona para frente. Este desejo me consome e me governa.

- A euforia do sonho vai se acabando rapidamente, passou ao pesadelo e as dores da realidade. Sonhar é fácil, tornar algo concreto é complicado e difícil. Se a sua cruz é esta, melhor é viver com um objetivo que viver apenas por viver.

Tom voltou ao seu treinamento. Uma, duas, três vezes. Parou para refletir e viu que o que buscava ainda estava distante. Olhou ao lado e lá estava gatão dormindo gostosamente. Que inveja. “Enquanto ele dorme, eu sofro com tudo isso”. Fechava os olhos com raiva e em seguida recomeçava a maratona de treinamentos. Cansado daquele tempo exposto a muito treino, olhou para o telhado e sentiu que ainda estava longe de passar a segunda etapa, desanimado foi a uma vasilha tomar água.

- Onde estará Ró neste momento? – balbuciou a si mesmo. – Preciso aprimorar-me mais. Tenho que estar sempre atento, uma lagartixa gigante se encontra por aí. Vencê-la é meu maior desafio, e pensar que ainda não subir no telhado.

Retornou, sem muito ânimo, as atividades. Estava realizando tudo com muita desenvoltura e rapidez, porém sempre que olhava ao telhado achava que ainda era pouco para poder vencer a etapa seguinte.

- Quando estarei qualificado para encarar o segundo teste?

Cansado e bastante abatido passou a ignorar o perigo de ser caçado pelo teiú. Em certo momento, sonolento, sentiu, como o peixe a flutuar na água no treinamento do lago, o trepidar do ar. Com rapidez de um leopardo correu, subiu pela parede, saltou na janela e agarrou na madeira do

telhado, lançando-se para cima em fração de segundos. Tinha conseguido vencer a segunda etapa. Gatão viu tudo de certa distância.

- Gatão, olhe ao seu lado. À esquerda.

Quando gatão olhou, viu a figura assustadora do teiú.

- Deixe-me ir – em dois tempos estava ao lado de Tom sobre o telhado. – Quase que ele me deu o bote. E não é que você conseguiu subir no telhado vencendo a etapa dois. Agora já poderemos passar ao nível três. Você é mesmo iluminado.

- Nem sei como fiz tamanha façanha. Usei a habilidade que aprendi no lago. Ao sentir estranha vibração no ar, percebi que algum ser gigante se aproximava, quando pensei, já estava aqui. Fui rápido feito a um gato.

- Com toda certeza. O teiú está em sua perseguição. Desta vez foi por pouco. Os treinamentos estão surtindo efeito, seus sentidos já estão mais apurados. Surpreendeu-me. Está se tornando um vencedor. O teiú se foi. Vamos descer.

- Subi, mas não sei descer. É muita altura para um gato pequeno como eu.

- Tem razão, breve estará saltando sozinho. Suba em minhas costas, quando estivermos próximos ao chão, você salta e rola.

- Certo.

Tom subiu no dorso de gatão, este saltou, próximo ao chão Tom pulou e caiu em pé, gatão rolou pelo chão logo ficando de pé.

- Você está se saindo melhor que a encomenda, Tom. Gostei de ver.

- O fato é que toda essa agitação me deu uma baita de uma fome. Vamos procurar algo para ferrar o estômago. Cadê Ró?

- Boa pergunta. Vamos ver se a senhora nos dê algo. Acredito que Ró esteja lá à espera de um osso qualquer, aquilo só pensa em comer e dormir.

## **Fazendo novas amizades**

Gatão e Tom chegaram ao local predeterminado. Quem estava lá? Ró se encontrava rente à porta comendo com vontade, sequer notou a aproximação dos amigos.

- Se fosse o teiú que estivesse chegando, pobre irmão, estaria morto, morto por ser faminto, morto por ser desprevenido, morto por ser morto de fome.

- Tom, você por aqui? Gatão!

- Qual o espanto, pirralho? – indagou gatão sério.

- A senhora me deu comida. Está uma delícia.

- Estou vendo – sentenciou gatão. – Por que não deixou um pouco para mim e seu irmão Tom? Também estamos com fome.

- Desculpe-me. Estava com muita fome que sequer notei que já tinha comido quase tudo. Também, eu não sabia onde vocês dois se encontravam.

- Coma o restante – disse gatão.

- Eu já estou farto. Olhe só para o tamanho da minha barriga.

- Então, chegue-se para lá. Deixe-me este restinho para mim.

- Vou miar à porta da cozinha, quem sabe a senhora não tem pena de mim – elucidou Tom.

- Eu também irei reforçar o coro – acrescentou gatão. – A senhora é boa e nos dará qualquer coisa.

Os dois gatos começaram a miar, miavam incessantemente, com muita piedade. Enquanto isso, Ró se acomodou e dormia descansando da farta alimentação que acabara de ingerir.

- Que tanto miado é esse? – indagou a senhora vindo em direção à porta. – Não sei de onde está saindo tantos gatos.

Tom e Gatão ao pressentir a aproximação da senhora aumentou a lamuria, um miado seguido de outro.

- Vocês dois? O outro comeu tudo. Que passa fome. Vou apanhar algo para vocês dois, talvez assim vocês parem de miar. Essas criaturas vieram ao mundo para sofrer.

- O que foi, mãe?

- Filho, vá lá fora e veja os novos gatinhos que apareceram por aqui.

- Adoro gatos.

- Clodoaldo, já temos muitos animais. Nossa propriedade parece a um zoológico. Como não sei dizer não...

- Vou lá fora ver.

- Esse que vem chegando é o filho da senhora, ele matou um enorme teiú – alertou gatão.

- Ele matou foi? Que bom.

Clodoaldo chegou e se sentou na pisada da porta, sorridente. Tom se aproximou e se derreteu ao novo amigo. O adolescente ficou encantado ao ver os três gatos, ainda mais com aquele chamego de Tom.

- Vou cuidar de vocês. O gatão, eu já o conheço. Será que os pequenos são filhos dele? Pelas cores não parecem em nada. Mas de qualquer jeito, vão ficar sobre os meus cuidados. Amo gatos. Mãe, traga a comida, pois os gatos estão com muita fome.

- Já vou. Acalme-se. Um momento e estarei aí.

A senhora trouxe o resto do galo que sobrara e um vasilhame com leite. Serviu aos dois gatos, Ró apenas abriu os olhos e voltou a dormir, estava enfastiado, também pudera, comera além da conta.

- Que gatinhos lindos – falou Clodoaldo.

Tom se revezava em comer e ir paparicar o novo amigo. Clodoaldo fazia cafuné na cabeça de Tom, pegava no colo, chegou a beijar o pelo da testa do animal.

- Aí também já é demais – resmungou gatão. – Um gato que se preze não se deixa ir a tanto rebaixamento.

- Vocês fiquem aí, terei que sair, mais tarde voltaremos a nos reencontrar – disse Clodoaldo.

Tom retornou para a comida, viu o olhar animal de gatão a lhe indagar algo, reprovava o que acabara de ver.

- Acalme-se, gatão. Tive uma ideia, um plano infalível. Precisamos de amigos fortes nesta vida. O filho da senhora será nosso defensor. Aguarde e verá que estou com pura razão. Se eu não posso derrotar o oponente sozinho, junto-me com um ser mais forte para juntos conseguirmos meu objetivo.

- Você está me saindo melhor do que o esperado. Só quero ver. Nunca me rebaixaria tanto a tal ponto de ser paparicado como você foi pelo filho da senhora.
- Foi tão gostoso. É pura vaidade sua. Adoro carinho.
- Não estou gostando dessa conversa sua.
- É brincadeira! Esse gatão é mesmo desconfiado.
- Foi a vida que me fez assim. Desconfio de tudo.
- Preciso continuar com os meus treinamentos. Uma luta está preste a acontecer. E não serei eu o derrotado. Vou vencer, nunca tive tanta convicção nesta vitória. É questão de tempo.
- Esqueça-se do teiú.
- Você se esqueceu que ele vive a me procurar. Você acha que eu viverei pelo resto da vida fugindo de uma lagartixa gigante. E mais: para quem quer ser o rei dos gatos o bom mesmo é derrotar logo de cara um rival que impunha respeito.
- E se você perder?
- Poderei até fugir da luta se sentir o fracasso iminente, mas perder morrendo, isso nunca. Vou aprimorar o que você já me ensinou.
- Quer que lhe passe a terceira etapa?
- Ainda não. Por hora o que já me mostrou é o suficiente. Só preciso praticar mais.

## **Um oponente grande e desafiador**

Os dias saltavam sem grandes novidades, apenas na rotineira rotina das triviais coisas da vida. Tom queimava calorias com suas atividades, muitos treinamentos. Evoluía bastante e não parava de pensar na vitória sobre a lagartixa gigante. Gatão dormia a maior parte do tempo e comia quando achava. Ró seguia os passos de gatão, manhoso e sonolento. Dias normais que não merecem muita atenção. A existência se pauta na maior parte do tempo em momentos de calma, embora há sempre os intervalos excêntricos.



Tom era o único que se encontrava agitado, a cabeça a trabalhar constantemente, um desejo o acalentava e não o deixava sossegar. Precisava encontrar uma maneira para derrotar a lagartixa gigante. Olhava para as finas garras e via a impossibilidade de tal proeza. O couro do réptil era duro demais. Não iria derrotá-lo pela força física. Necessitava raciocinar, pensar em uma maneira. Cedendo ou tarde iria encontrar um ponto favorável à sua exuberante vitória.

O teiú havia se esquecido de Tom, pensava apenas em comer, vivia a saciar a gula, devorava o que aparecia pela frente. Cada dia que passava, a fome aumentava com o crescimento do corpo. Saía pela redondeza à procura de ninhos de galinha, quando os achava devorava com gosto todos os ovos, tendo pinto ou não em seu interior. Fato esse que incomodava Clodoaldo, filho da senhora dona da propriedade. O réptil sonhava em um dia se colocar dentro do galinheiro, lá se encontrava toda a fartura de alimento, estava quase cego, começava a ignorar a realidade dos fatos.

Clodoaldo era o responsável pelas criações da propriedade, trabalhava o dia todo na lida. Colocava comida para as galinhas, olhava a tela do poleiro em busca de buracos, recolhia os ovos, soltava e prendia as galinhas e os galos, deixando presos apenas os pintinhos. É preciso mencionar também a labuta no chiqueiro dos porcos e das cabras, no curral das vacas, entre outras atividades corriqueiras e pontuais.

Tom passou a acompanhar toda a atividade da fazenda, neste tempo estreitou a amizade com Clodoaldo, era carne e osso. Já sabia onde a lagartixa gigante descansava, quais os horários que saía da toca, do que ela gostava e acalentava. Com todas as informações em mente, traçou alguns planos para apanhar o teiú. Sempre ao tentar executá-los algo não saía como predeterminado e ele era obrigado a recuar.

Certa manhã, Tom acompanhou Clodoaldo na lida matinal. Viu o amigo abrir a porta do poleiro e entrar para colocar milho para as aves, viu ele sair e fechar com o trinco a porta. Aquele movimento acendeu uma luz em sua cabeça. Era preciso agir, agir rapidamente. A chance havia chegado. Era a hora da vitória, o momento tanto aguardado. Clodoaldo retornou à casa de morada para tomar café. Tom seguiu outro rumo.

Próximo à toca da lagartixa gigante, Tom parou ao lado e miou fraco. O teiú que dormia, ouviu aquele som que o despertou. Abriu os enormes olhos e

apurou seus ouvidos. A imagem do atrevido gato voltou a bagunçar sua mente. Como pôde esquecer do insolente felino assim? Talvez tenha sido apenas um sonho. Mas Tom deixou fugir outro miado, desta vez com mais força. O réptil em segundo já estava do lado de fora em busca do maldito gato.

- Onde você está, infeliz? Sei que você se encontra por perto. Vou acabar com você. Além de acabar com a sua vida, irei devorá-lo, pois estou com muita fome.

- Estou aqui, sua lagartixa gigante. Se é forte como fala, venha me pegar.

- Então você está aí, insolente gato. Acabarei de uma vez por toda com você.

O lagarto correu em direção do gato. Tom tinha o corpo leve e facilmente fugia das invertidas do pesado réptil. Por um momento parecia que o duelo iria se resolver na força dos músculos. A bicharada ao ouvir tamanho alvoroço saiu para presenciar o duelo. Todos torciam por Tom, todavia sabiam que a vitória seria do teiú. Era a lei do mais forte a prevalecer no imaginário geral.

- O gato é de uma coragem... mas o teiú é forte demais para ele – aludiu o peru ao pavão.

- Se eu tivesse força, entraria na briga para ajudar o gato – respondeu o pavão.

Tom ao chegar próximo ao galinheiro saltou na tela e escalou. O teiú o olhava de baixo para cima sem nada poder fazer.

- Desça daí, seu gato safado! Vou fazer de você picadinhos.

O gato com as afiadas unhas abriu a fechadura e grudado na tela abriu a porta do galinheiro. O réptil esfomeado esqueceu-se do gato e viu a porta dos sonhos se abrir. Lá dentro estava um mundo de gostosos alimentos. Entrou rapidamente no galinheiro. O gato com um sopapo das pernas fez a porta voltar a se fechar, com as unhas fechou o poleiro. O teiú partiu para o primeiro ninho, as galinhas pulavam para todos os lados com medo, agarrou um pinto e o engoliu vivo. O barulho crescia, os bichos do lado de fora estavam abismado com a atitude do gato.

Tom saltou da tela e correu, deixando para trás todo um pandemônio. Entrou na cozinha da casa da senhora e foi até a sala encontrar Clodoaldo.

Ao chegar começou a miar, miava incessantemente, sempre a olhar para o lado de fora. Clodoaldo achando estranho foi ver do que se tratava. O gato correu à frente. Ao chegar ao quintal, ouviu a barulheira dos bichos.

- Estranho! Tem bicho mau na área.

Clodoaldo voltou e apanhou uma espingarda. Foi ao poleiro. Via as galinhas saltando de um lado ao outro com medo da fera que devorava os pintos e comia os ovos.

- Um teiú! Então é você que anda a comer os ovos das minhas galinhas.

Levou o cano da arma ao buraco da tela, mirou e atirou. O barulho de um pipoco fez ecoar pelo ambiente. O teiú estava morto com um tiro no meio da cabeça. Clodoaldo entrou no poleiro e agarrou o réptil pelo pescoço. Deixou o local carregando a fera morta para paz e alívio dos habitantes do galinheiro.

- Olhe que bicho grande. Sua carne pagará os muitos ovos que me roubou. Você já comeu carne de teiú, gato? Não? Pois se prepare para comer. Se não fosse você, certamente o estrago seria grande no galinheiro. Nunca em minha vida vi um gatinho tão inteligente como você. É um amigo leal. Agora irei consertar esta caça. Mais tarde, no almoço, comeremos uma parte dele.

Clodoaldo voltou para o interior da casa. Tom ficou parado a sorrir para o tempo. Havia vencido o poderoso oponente. Que façanha. Todos os bichos o olhavam abismado com a proeza acontecida. Como pôde um simples gatinho vencer um réptil daquele tamanho?

- Tom. Tom. Aqui em cima.

- É você, gatão?

- Venceu o teiú hei. Como pôde orquestrar algo assim? Nem eu teria uma inteligência tão fabulosa. Suba aqui para conversarmos.

- Em dois segundos.

Tom escalou o caule da árvore com a força das unhas e a ligeireza do corpo para surpresa do amigo.

- Você evoluiu muito. Rápido e rasteiro.

- Venci meu primeiro desafio. Era para eu está feliz, mas estou triste. E agora, o que será da minha vida? Vivia por vencê-lo, agora que venci o que farei do restante da minha vida? Há um vazio enorme em mim.
- Logo aparecerão novos desafios. A vida é sempre assim, um mundo de oportunidades e desafios. Alegre-se pela vitória. É momento de comemorar.
- Olho para este lugar e não vejo algo que me faça ferver a mente. Acredito que terei de partir em busca de novos horizontes.
- E eu e o seu irmão? O que será de nós sem você do nosso lado?
- Se for da vontade de vocês, venham comigo.
- Sair por este mundo em busca de aventuras? Este mundo aí fora é muito perigoso. Não sei se estou preparado para tanto.
- Entendo a sua situação, mas não aguentarei ficar aqui por muito tempo. Por enquanto vou ficando e aprimorando meu corpo. Desejo conhecer o mundo e os seu perigos. Desejo vencer todos os perigos do mundo.
- Depois do que vi hoje, não posso mais duvidar do que você será capaz. Se você for, eu irei junto. Está decidido.
- Cadê Ró?
- Deve estar dormindo.
- Será se ele vai com a gente?
- E tem outra opção? Você agora é o nosso chefe. Passo meu posto neste exato momento a você.
- Acalme-se, gatão. Não se precipite. Cada coisa no seu devido lugar. Quero que você me passe a terceira atividade.
- Pelo jeito já está apto a quarta, a quinta e até a décima atividade.

## **Paramirim, 29 de Dezembro de 2017.**



Luiz Carlos Marques Cardoso, nascido a 21 de fevereiro de 1979, na pacata cidade de Água Quente, hoje, Érico Cardoso, na Bahia. Um sertanejo que aprendeu a amar sua terra, o Sertão. Ainda criança transferiu-se, juntamente com toda a família, para a sede do município vizinho Paramirim. Lá estudou e cresceu. Formou-se sem muitos encantos. Com o passar dos anos, foi tocado pela literatura. Voltou a estudar. Formou-se em Ciência Contábeis. Agora, neste singelo momento, concluiu seu quarto livro: “As Aventuras de dois Gatinhos –

Acordando para a vida”.